

REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP

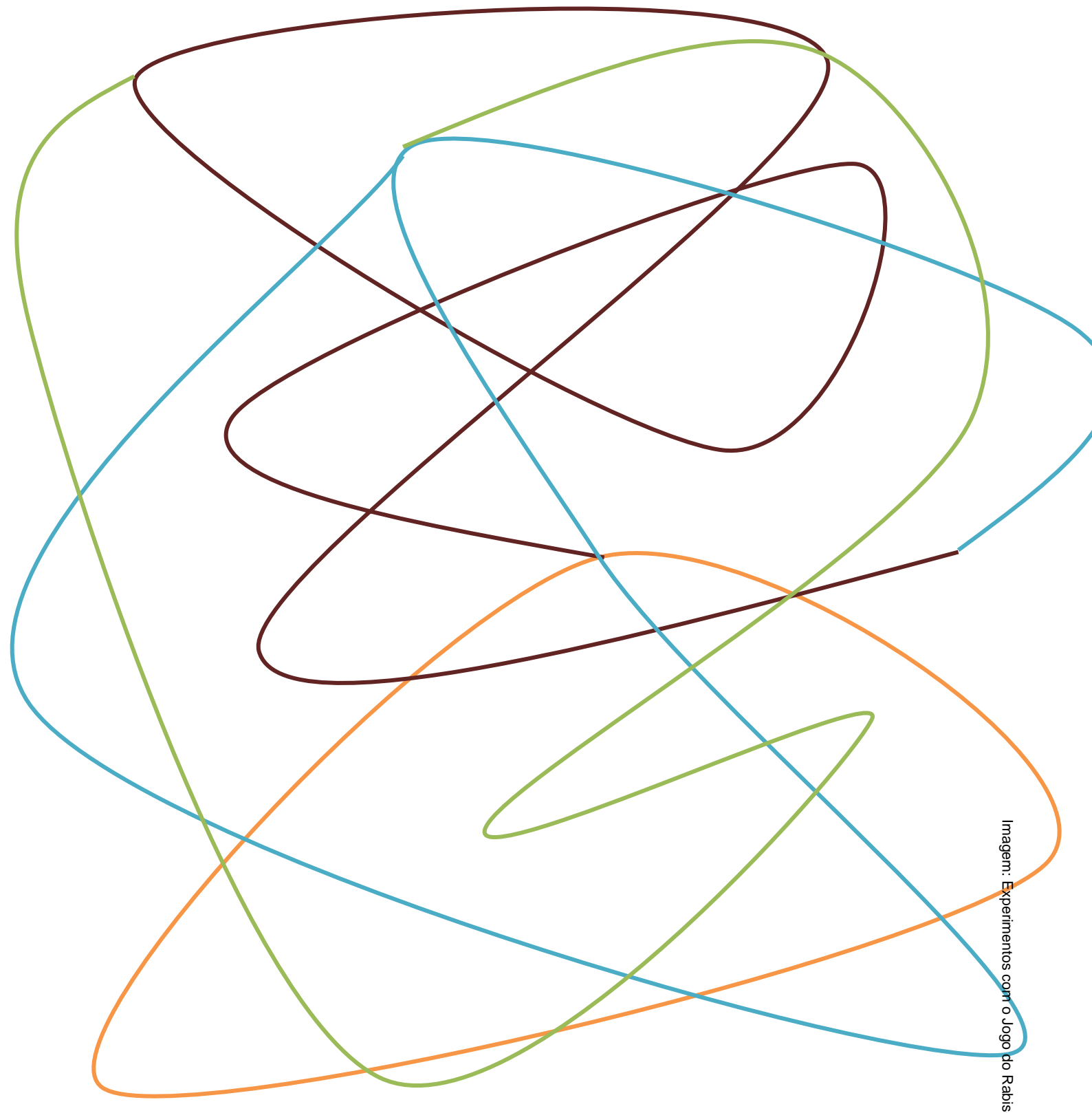


Imagem: Experimentos com o Jogo do Rabisco

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A Revista Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no formato CD-ROM e também passível de acesso por meio do site da AATESP – www.aatesp.com.br/artigos.htm. Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas dos associados e demais autores interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

GRUPO EDITORIAL

Contato: textos.aatesp@gmail.com

Editora:

Dra. Máira Bonafé Sei – UEL/AATESP

Conselho Editorial:

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti – AATESP

Esp. Margaret Rose Bateman Pela – AATESP

Conselho Consultivo:

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares – ABCA – FEN-UFG

Ms. Artemisa de Andrade e Santos – UFRN/ASPOART

Dra. Barbara Elisabeth Neubarth – Secretária da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul/AATERGS

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande – AATESP

Dra. Cristina Dias Allessandrini – Alquimy Art

Dra. Giuliana Gnatos Lima Bilbao - UNIP

Dra. Irene Gaeta Arcuri – UNIP

Ms. Lídia Lacava – ISAL / Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Lucivone Carpintero – ASBART

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli – CEFAS-Campinas

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Mônica Guttmann – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Oneide Regina Depret – UNIP

Dra. Patrícia Pinna Bernardo – UNIP

Ms. Sandro Leite – FMU

Dra. Selma Ciornai – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi – Arte sem Barreiras/Faculdade São Luiz

Dra. Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves – FMU

Capa, Diagramação, Editoração e Revisão de Texto

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Maíra Bonafé Sei

Margaret Rose Bateman Pela

Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria – Gestão 2011-2012

Diretora Gerente

Maria Angela Gaspari

Diretora 1ª. Secretária

Izilda Carvalho Carnasciali

Diretora 2ª. Secretária

Marise da Silva Acher

Diretora 1ª. Tesoureira

Sandra Maria Casellato Carnasciali

Diretora 2ª. Tesoureira

Ideli Domingues

1ª. Diretora Adjunta

Cristina Dias Allessandrini

2ª. Diretora Adjunta

Marceli Cristine do Amaral Santos

Conselho fiscal

Alda Luba

Cláudia Regina Teixeira Colagrande

Leila Nazareth

Ronald Sperling

SUMÁRIO

Editorial

DESAFIOS DA PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA EM ARTETERAPIA Margaret Rose Bateman Pela Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti Maíra Bonafé Sei	01
---	----

Artigos Originais

ARTETERAPIA - TRANSITAR POR DIFERENTES DIMENSÕES PARA AMPLIAR POSSIBILIDADES Marizilda da Fonseca Lopes	03
ARTETERAPIA E IMAGENS: (DES)CONSTRUINDO CAMINHOS Robson Xavier da Costa Ana Cláudia Lopes de Assunção	23

Ensaio

POR QUE PUBLICAR ARTIGOS EM ARTETERAPIA? Maíra Bonafé Sei Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti Margaret Rose Bateman Pela	42
---	----

Resumo

MANDALANDO VALORES EM ARTETERAPIA Arthur Fernando Drischel	48
A ARTETERAPIA NO DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA DE CRIANÇAS EM VULNERABILIDADE NO MUNICÍPIO DE HORTOLÂNDIA Sueli Maria de Souza	50
A MÚSICA CLÁSSICA INDUZ AS CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL EXPRESSAREM SEUS SENTIMENTOS ATRAVÉS DA ATIVIDADE PLÁSTICA Marcieli Cristine do Amaral Santos	52

Normas para Publicação	54
-------------------------------	-----------

Editorial

DESAFIOS DA PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA EM ARTETERAPIA

Margaret Rose Bateman Pela¹

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti²

Maíra Bonafé Sei³

Apresentamos o segundo número, do segundo volume da Revista de Arteterapia da AATESP. Para finalização deste, discussões foram empreendidas entre as colegas que compõem o Conselho Editorial deste periódico e que agora expõem reflexões advindas deste diálogo.

Assim, por um tempo extenso as profissionais ligadas à Revista de Arteterapia da AATESP divulgaram o trabalho empreendido por este periódico em meios ligados à área, estimulando o envio de contribuições. Estas chegaram, contudo em um volume menor do que aquele inicialmente imaginado.

Após o recebimento dos textos, foram selecionados pareceristas próximos ao tema discutido por cada artigo, com a contribuição sendo enviadas a estes colegas. Algum tempo se passou para que o processo de avaliação dos textos pelos pareceristas e as correções pelos autores pudessem acontecer e agora podemos apresentar este número aos profissionais da Arteterapia e demais interessados.

A Revista de Arteterapia da AATESP apresenta-se como um periódico recente, ainda em construção, que depende da divulgação e colaboração de todos para seu

¹ Graduada em Letras, Mackenzie, SP; Psicopedagogia, Sedes Sapientiae, SP; Arteterapia (AATESP 136/0310). Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9540829055121326>. Email: margaret@pela.com.br.

² Educadora, Arteterapeuta (AATESP 008/1203), Mestre em Gerontologia Social, PUCSP. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1118829470372302>. Email: deolinda.fabietti@terra.com.br

³ Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Professora Adjunta junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise – CCB - UEL. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>. E-mail: mairabonafe@hotmail.com

crescimento e reconhecimento. Muitos diálogos podem ser tecidos, muitas experiências podem ser partilhadas, muitas pesquisas e achados podem ser apresentados.

A partir destas ponderações, da ideia acerca da diversidade da Arteterapia e das propostas de escrita possíveis para um periódico como este, o Conselho Editorial refletiu que poderia ser interessante ampliar o rol de formatos acolhidos pela revista e quais seriam os trâmites de avaliação das contribuições enviadas. Deliberou-se que a Revista de Arteterapia da AATESP poderia se dividir nas seguintes seções:

- Artigos Originais, englobando textos de cunho teórico ou prático, avaliados às cegas por membros do Conselho Consultivo;
- Ensaios, incluindo textos mais breves e que objetivem colocar em questão algum tema relacionado à Arteterapia, avaliados pelos membros do Conselho Editorial;
- Resenhas, que se proponham a apresentar e discutir obras recentes acerca da Arteterapia ou áreas afins, avaliadas pelos membros do Conselho Editorial;
- Resumos de monografias, dissertações ou teses, expondo um recorte da produção acadêmica em Arteterapia, avaliadas pelos membros do Conselho Editorial.

Desta forma, busca-se contribuir para a ampliação dos espaços de trocas, crescimento e aprimoramento em Arteterapia. Espera-se que os colegas sintam-se instigados a contribuir com estas discussões, trazendo seus pensamentos, retratos de intervenções, inovações, fomentando o enriquecimento do campo da Arteterapia no país.

Apreciem este número!

Artigo Original

ARTETERAPIA - TRANSITAR POR DIFERENTES DIMENSÕES PARA AMPLIAR POSSIBILIDADES

ART THERAPY - CARRIED BY DIFFERENT DIMENSIONS TO ENLARGE POSSIBILITIES

Marizilda da Fonseca Lopes⁴

Resumo

O artigo está estruturado de maneira simples para fácil entendimento, refere-se a uma pessoa do sexo masculino, cujo conflito está atrelado a sentimentos de medo exacerbado para enfrentar os desafios da vida, ausência de iniciativa, autovitimização e ausência de prazer. Deste modo, o objetivo é apresentar a forma como este caso evoluiu com a utilização de recursos arteterapêuticos dentro do processo psicoterápico. Soma-se isso ao significativo conhecimento dos chakras tão importante na ampliação do cabedal epistemológico do arteterapeuta. Os resultados demonstram como o paciente ampliou sua visão de mundo, apurou sua autoestima, bem como possibilitou significativa evolução em sua qualidade de vida, visto haver compreendido que seu conflito era, principalmente, resultante do medo de escolher o melhor para si mesmo e que projetado no mundo externo se justificava pelo processo administrativo. A pesquisa apontará apenas parte do trabalho arteterapêutico realizado com o paciente visto que há um extenso conteúdo gerado nos encontros.

Palavras chave: Arteterapia, chakras, Psicologia junguiana

Abstract

The article, structured in a simple way for easy understanding, refers about a male-person

⁴ Bacharel em Psicologia pela Universidade Cruzeiro do Sul (2009). Pós-graduada em Arteterapia pela Universidade Paulista (2010). Especializanda Terapia Cognitivo Comportamental (2012). Endereço – Rua Estela dos Santos, 71 – São Paulo-SP/ Rua Domingos Morbidelli, 316 – Extrema-MG; Telefones: (11) 81838244 e (35) 34353590. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3659430741901693>. Email: marizildalopes@yahoo.com.br

whose conflict is entangled in overwhelming fear of facing life challenges, self victimization and lack of pleasure pursue. Thus, the goal is to show how this case developed through the use of art therapy resources within the psychotherapeutic process. Sum up this to the denotative knowledge about chackras, so important in enhancing the art therapist's epistemological resource. The results shows how the patient expanded his life's vision, refined his self esteem, and allowed significant improvement in his quality of life, seems to had understand that his conflict was primarily a result of fear of choosing the best for himself and projected that in the external world is justified through an administrative process. The research just shows part of the art therapeutic work realized with the patient since there is an extensive content generated in the sessions.

Key words: Art Therapy, chakras, Jungian Psychology

Introdução

Durante a trajetória de vida o indivíduo constrói seu desenvolvimento por meio de percepções e estímulos. A depender de suas interpretações organiza-se para sobreviver em um meio ambiente exigente, que muitas vezes o força a agir e corresponder a essas expectativas de maneira fragmentada, exclusivista e parcial. Por conta disto, ele pode deixar, desde a infância, de extrair elementos que proporcionem um maior aproveitamento de sua mente contemplativa; tolhido de sua sensibilidade perde a atenção abrangente, fluídica e sensível, negando quase sempre seus sentimentos, sensações e intuições. Deste modo, a criatividade natural que ele possui corre o risco de não se manifestar, já que seu comportamento passa a ser modelado para se viver numa sociedade de consumo, onde o “espetáculo da ilusão” é a referência. Obviamente, este homem assume a posição de um guerreiro que luta desesperadamente para vencer as doenças do corpo e da psique, tão nitidamente marcadas pela inconsciência de seus atos.

Segundo Bernardo (2008), o homem moderno vem aos poucos se desconectando

de sua vida interior e uma das formas de resgatar este contato é pela via simbólica. A autora enfatiza que renovar este contato é “estabelecer um relacionamento significativo com as forças arquetípicas que nos constituem como ser, convidando-as a participar de nossa vida, o que a engrandece e renova”; oferece assim, oportunidade para compreender a sabedoria contida nas experiências vividas. (BERNARDO, 2008, p. 14). Bernardo também pontua que pelo intercâmbio da energia psíquica entre a mente consciente e a inconsciente é possível restabelecer as condições necessárias para que a consciência atualize os diversos potenciais contidos em todos nós. Deste modo, encontramos na arteterapia o meio propício para que estes potenciais aflorem, pois os recursos expressivos, quando propostos de forma criteriosa e condizente com o objetivo terapêutico, podem viabilizar a conexão entre o mundo interior e o exterior, enriquecendo a qualidade de vida da pessoa.

Levando em conta estas questões, a minha experiência como psicoterapeuta e coordenadora de processos grupais em oficinas de criatividade, somada à significativa aprendizagem no curso de Arteterapia, tendo como base a teoria junguiana, evidencio um estudo de caso de um paciente cuja queixa principal era o medo exacerbado para se defender de um processo administrativo. Segundo ele a acusação à sua pessoa partia de homens de grande poder político e que manipulavam a cidade onde residia. Este medo era acompanhado de baixa autoestima, pensamentos negativos, mau humor quase constante e dificuldade de concentração. A partir de atendimentos individuais focalizados em aplicações de recursos arteterapêuticos foi possível ajudá-lo a enxergar limitações e potencialidades oportunizadas pela consciência de que somos muito mais do que simplesmente, um corpo e uma cabeça que pensa: somos energia e vibração. Neste sentido, sem pretender articular possíveis significados ou querer buscar verdades absolutas, utilizamos em meio às oficinas arteterapêuticas, alguns recursos de sensibilização dos chakras que estão no eixo de nosso corpo, com suas cores brilhantes

tal qual um arco-íris que nos equilibra e nos vincula da terra ao céu.

Woodroffe (1979), citado inclusive por Jung, como um dos maiores conhecedores sobre os chakras, que viveu no início do século XX e que traduziu para o inglês diretamente do sânscrito as escrituras clássicas indianas sobre este tema, refere que os chakras são como portais de passagem entre as diversas dimensões, também chamados de rodas de energia. Diz ele que o corpo possui sete chakras principais que são responsáveis pela captação e utilização da energia sutil, transformando-a em energia utilizável na composição humana. Segundo o autor, esses chakras estão diretamente relacionados às glândulas endócrinas e ao bem-estar psicofísico da pessoa. Caso o fluxo energético se desequilibre, isso pode redundar no surgimento de doenças orgânicas, mentais e emocionais.

Da mesma forma, Jung (1999) na apresentação de um seminário proferido no ano de 1932, posteriormente editado pela universidade de Princeton, pontua que os chakras não são apenas simples centros energéticos, mas também são centros de consciência. Segundo este autor, os chakras são pontos nos quais as forças psíquicas do corpo se interpenetram, situando-se a sede da alma nos locais em que o mundo exterior e interior se unem. Funções e imagens arquetípicas específicas são expressas através de cada chakra. Os sete chakras constituem a matriz psíquica em que a configuração do corpo-mente é criada. Seria como uma interconexão entre a composição espaço-temporal do ego e a dimensionalidade de estados mais profundos da psique. O autor coloca que:

Os chakras são mundos de consciência, de desenvolvimentos naturais, um acima do outro. Existe uma realidade psíquica, é um mundo de substância psíquica, se podemos aplicar tal termo. Assim, outro ponto de vista para explicar a série de chakras seria subir a partir de matéria bruta para a matéria sutil. E a única coisa que une todos eles, que expressa todos eles, é o conceito de energia. (JUNG, 1999, p.43)

Neste seminário Jung deixa claro que cada chakra refere-se a um número de experiências que estão relacionadas com símbolos arquetípicos, os quais se encontram

no domínio do inconsciente onde existem aspectos universais e impessoais, e continua explicando que:

...os chakras, no entanto, são símbolos. Eles reúnem em forma de imagem complexa e multiforme ideias e fatos. Eles simbolizam um complexo altamente psíquico. São, portanto, de grande valor para nós, porque representam um esforço real para falar sobre uma teoria simbólica da psique. (JUNG, 1999, p.60-61)

O autor continua sua explicação dizendo que o sistema dos chakras é criado a partir de um ponto de vista que transcende o tempo e o indivíduo, e completa:

Os símbolos dos chakras, então, dão-nos uma perspectiva que se estende além do consciente. Eles são intuições sobre a psique como um todo, sobre suas condições e possibilidades. Eles simbolizam a psique do ponto de vista cósmico. É como uma supraconsciência, uma abrangente consciência divina. (JUNG, 1999, pg. 65)

Diante destas considerações é importante enfatizar que a função do arteterapeuta é estar aberto à amplitude das diversas linguagens que estão disponíveis para cada caso. E, de certa forma, a relação com a arte possibilita uma gama imensa de recursos que podem ser utilizados para promover a transformação necessária ao cliente que pede ajuda. Partindo desta premissa ousa tecer considerações sobre o conhecimento dos chakras, o que muito tem a acrescentar na dinâmica arteterapêutica. É exatamente por acreditar nisso que compartilho das palavras de Ginger e Ginger (1995, p. 83): “o que realmente importa não é descobrir de qual mina foi extraída uma pedra preciosa, mas se ela encontrou seu lugar no colar: é a coerência e não a origem das técnicas que constitui o valor dos métodos”. Nestes multivariados recursos que estão à disposição do arteterapeuta abrem-se possibilidades para experimentar o novo, ou melhor, ampliar um olhar diferente para estabelecer o equilíbrio que dá ao outro a condição de escolha para ser o que ele é. É, assim, um fazer terapêutico que se torna o elemento transformador do homem e consequentemente do mundo que o cerca.

Neste pressuposto iniciamos uma experiência que aos poucos construiu uma relação aberta às novas manifestações que surgiam e ao mesmo tempo surpreendiam aquele paciente que, conforme suas próprias palavras, pouco conhecia sobre si mesmo. Enquanto os encontros aconteciam percebíamos as combinações das polaridades manifestas em sua típica intensidade, as oposições marcadas pela sombra, que o assustava, mas também lhe possibilitava acessar o potencial para reconstruir a sua integração psíquica.

Desta maneira, o objetivo deste artigo é apresentar a evolução do caso na qual os recursos arteterapêuticos somados ao significativo conhecimento dos chakras puderam conduzir este paciente a ampliar sua visão de mundo, para possibilitar uma significativa evolução em sua qualidade de vida.

Relato do Caso

Passo agora a relatar o processo realizado com J. L., homem de 59 anos de idade, aposentado, casado, quatro filhos adultos. Procurou atendimento terapêutico, e apesar de já participar de oficinas de criatividade com um grupo de estudo sobre os chakras, foi orientado para atendimentos individuais, que possibilitariam melhor compreensão de seu caso e criação de um vínculo seguro, ficando claro que nada impediria sua continuidade participativa no grupo destas oficinas. Bernardo (2008) refere sobre a importância de estabelecer o vínculo terapêutico em ambiente propício e acolhedor, que oportunize o levantamento da história de vida, que possibilite perceber as necessidades do desenvolvimento da pessoa e sua inclusão de forma ampla no contexto do trabalho arteterapêutico. Ademais, a mesma autora ainda corrobora que é no processo arteterapêutico que se pode “estabelecer um canal de comunicação com os elos ancestrais que estão na base de nossa existência e que fornecem à nossa consciência as condições necessárias para a sua ampliação, atualizando nossos potenciais e nos

enriquecendo como ser” (BERNARDO, 2008, p. 13-14).

A partir das queixas do paciente definiu-se qual seria o melhor caminho a seguir e que instrumentos seriam utilizados nos encontros. Iniciamos, então, uma viagem fascinante com a arteterapia, utilizamos alguns recursos que permitiram o resgate da autoestima e fortalecimento da força interior desse paciente. Entremeados a estes recursos mais específicos utilizou-se a respiração abdominal, que trabalha um melhor contato com o corpo e com os chakras inferiores, bem como músicas de sons tribais com o mesmo intuito.

Logo no início da conversa, no primeiro contato individual, sem que nada fosse perguntado, o paciente proferia suas queixas de forma intensa, o que muito ajudou na compreensão de sua ansiedade tão presente em suas manifestações comportamentais. Esta forma ansiosa de se comunicar demonstrou seu forte desejo de ajuda, pois ele próprio dizia-se impossibilitado de resolver seus conflitos. As queixas eram claras, evidenciadas por gestos manuais agitados e expressão corporal inquieta. Percebia-se perfeitamente a sua necessidade de ser ouvido. O paciente fazia alusão a um incômodo muito grande com os pensamentos negativos, com características de pessimismo exacerbado e a preocupação em como iria se defender do tal processo se ele próprio não acreditava mais em suas possibilidades. Afirmava categoricamente: “*o sonho acabou*” (SIC). Desta feita, observou-se que a dificuldade e o sofrimento desta pessoa eram de grande impacto sobre sua vida, pois se colocava em posição de vítima, conforme sua própria fala.

A partir da anamnese iniciou-se um processo entremeados de técnicas arteterapêuticas em que o fazer criativo mesclou expressividade criativa, exercícios respiratórios, som de músicas com ritmos calmos, e em outros momentos ritmos marcantes, como os tribais. Segundo Lévi Strauss (1975) tanto a música quanto a dança tribal permitem a liberdade criativa. Durante os encontros foram sugeridos exercícios

corporais, pois a atenção ao corpo poderia tornar possível a reestruturação da psique, das emoções e dos sentimentos. Conforme relata Guertzenstein (2004):

A dissociação corpo-mente é muito grande e nos afasta de nossa essência, temos assim que voltar para nossos instintos, nossas necessidades básicas, nossos sentidos primários, nosso ser como um todo, como um mundo. Temos que nos voltar para dentro, nosso corpo, nossa psique, nossas emoções e ao mesmo tempo nos perceber como um ser social, ambiental e espiritual. (p. 60)

A autora acrescenta que as transformações são possíveis quando as vivenciamos no corpo. Por isto, foi utilizado como técnica arteterapêutica, o movimento corporal com a intenção de também sensibilizar os chakras do paciente. Segundo Jung (1999), no mesmo seminário acima citado, cada chakra tem correspondência com um nível de consciência e com uma função psíquica. Bernardo (2008) pontua sobre as quatro portas pelas quais captamos o mundo, ou seja, as quatro funções da consciência descritas por Jung: pensamento, sentimento, intuição e sensação. Ela quer dizer que por sermos diferentes uns dos outros, nossa tendência é entrar em contato com qualquer experiência preferencialmente por uma dessas quatro portas, e depois abrir as outras, porém como tudo tem uma dimensão simbólica, a disposição é potencializar experiências de vida através “de como percebemos o que nos acontece”. (BERNARDO, 2008, p. 95)

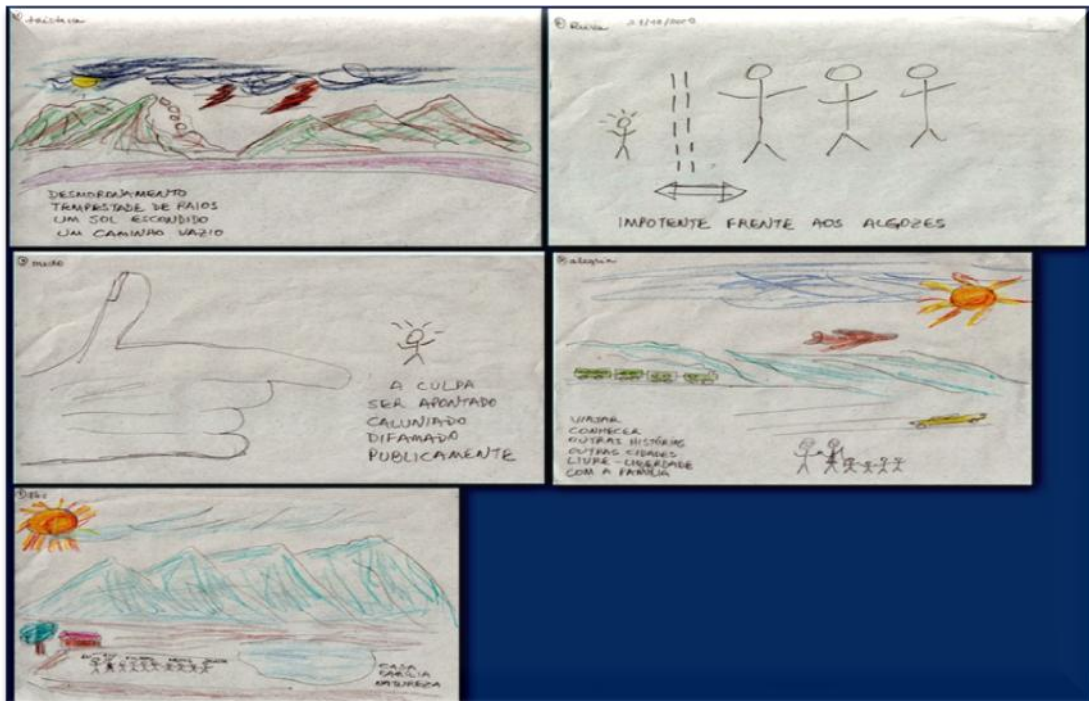
Logo que os exercícios respiratórios e corporais correspondentes aos chakras foram sugeridos, J. L. comentou sobre sua dificuldade em soltar o corpo, em respirar, pois percebia sua respiração curta e rápida e muita rigidez corporal da cintura para baixo. Ele verbalizava que parecia que seus pés e pernas não estavam conectados ao resto do corpo e que sentia medo da concretude, ou seja, quando encarava a realidade as sensações eram dolorosas, abalava suas convicções e tolhia suas necessidades. Por isso, somente sentia segurança ao ficar longe de tudo quanto lhe afligia.

A partir desses comentários (relatados acima) feitos pelo paciente, foram sugeridos exercícios para a região do primeiro chakra, mais conhecido como chakra básico. Jung

(1999) comenta que este é o centro fundamental, pois nele o mundo dos instintos está presente, é associado ao nível mais primitivo ou instintivo da psique, sendo que a função psíquica correspondente a esse chakra seria a sensação. Baseada nisso propus ao paciente fazer movimentos corporais marcados pelas músicas tribais para possibilitar um maior contato com essas partes do corpo, principalmente pés e pernas. A partir desse exercício evidenciou-se a necessidade do contato com o elemento terra (argila). Conforme os sons dos tambores aconteciam durante a música, os movimentos de J. L. fluíam mais livremente, o que lhe possibilitou explorar sensações que percebia como algo novo e diferente. Além disso, propôs-se o contato com a argila num simples amassamento manual.

Segundo Pain (2001, p. 106) a argila está diretamente relacionada ao cotidiano de todos nós, sendo “símbolo de nascimento, vida e morte”, e um suporte para os nossos afetos. Bernardo (2009) coloca que o contato com este elemento trabalha a função sensação, o que favorece a melhor elaboração de assuntos relacionados ao corpo, ajudando-nos a tomar posse daquilo que nos pertence para aprendermos sobre os limites de todas as coisas. Podemos também encontrar referências em relação a estes aspectos nos estudos do chakra básico, o qual está relacionado ao enraizamento e aguçamento das sensações de prazer. Segundo Fagali (2004) a harmonização do chakra básico pode ser acionada pela utilização de recursos plásticos associados à argila e contato com os pés e pernas em suas variadas expressões.

Em outro encontro sugeriu-se a pintura das emoções, ou seja, que o paciente representasse de alguma forma, pelos materiais oferecidos (lápiz de cor, giz de cera, lápis preto e cinco folhas de sulfite), os sentimentos: tristeza, raiva, medo, alegria e paz. A intenção era permitir um maior contato com sensações e sentimentos.



Como se pode notar no primeiro desenho da “tristeza”, J. L. representa um desmoronamento (uma tempestade de raios que desaba sobre seus sonhos). No segundo desenho, da “raiva”, ele deixa claro a sua impotência “*frente aos algozes*” (SIC), como ele próprio escreve e acentua em sua fala o quanto se vê pequeno diante do grande. Sobre o terceiro trabalho, relativo ao “medo”, o paciente verbaliza enfático “*a culpa de ser apontado, caluniado, difamado publicamente*” (SIC). Já nos dois últimos desenhos, que representavam “alegria e paz”, J. L. mostra os desejos retratados por sua escrita sobre o desenho: “*conhecer outras histórias, atingir liberdade junto a sua família e a natureza, ser livre*” (SIC). Conforme a conversa prosseguia, J. L. revelava os significados das sensações e sentimentos que identificava nos desenhos. Para ele os sentimentos de raiva e medo estavam relacionados “*à fraqueza*” (SIC) e que ele se sentia como “*João diante de um gigante enorme lá no céu*” (SIC), por isto mesmo não tinha mais forças para se defender. Ele afirmava categoricamente que não acreditava que fosse possível resolver tal aflição, apesar de todas as contingências estarem em seu favor.

Diante desta fala, na sessão seguinte propus ao paciente a confecção de um trabalho expressivo a partir do conto: **João e o Pé de Feijão**. Afinal, os mitos e contos,

segundo Von Franz (2003), são uma valiosa via de comunicação entre os arquétipos e o inconsciente individual. Depois de ouvir a história J. L. comenta:

“Essa história era contada por minha mãe quando eu era criança!...” (SIC)

Foi sugerido então que ele representasse como quisesse o que ouvira na história, com os materiais disponíveis – argila, sementes, fios, contas, cola, papéis, lápis de cor, pinceis e guache. Dentre todos os materiais ele escolheu a argila e sementes, iniciou com um amassamento, e aos poucos ele retratou na argila a história conforme se pode ver abaixo.



É interessante notar aqui que J. L. envolveu-se de tal maneira com o elemento terra que deixou claro seu bem-estar que há muito tempo não sentia. De olhos fechados, amassava o barro e dizia:

“Tenho muito prazer em mexer com as mãos na terra molhada, me faz lembrar a infância” (SIC). Enquanto ele trabalhava com a argila, ao fundo uma música com sons que evocavam os elementos da natureza preenchia o ambiente. Assim foi até concluir sua obra, momento em que ele próprio se dá conta de sua expressão criativa. Neste contato, reflexões foram evocadas pela facilitadora, a respeito da relação entre o pequeno na luta contra o grande, contido no conto de João contra o gigante e nos próprios desenhos, na referência de sua impotência contra os algozes.

Passados alguns dias J. L. retorna ao contato arteterapêutico e relata algo inusitado:

“Olhe!... tirei uma foto de um feijão que nasceu no vaso de orquídea lá de casa, que se encontra numa janela muito alta. Como foi nascer ali?” Estou espantado, pois acho que isto é um sinal; é um feijão trepador, que cresce muito, mas num vaso de orquídeas que nem terra tem? São somente pedriscos e fibras, como foi nascer ali?(SIC)”



Seus comentários eram enfáticos, estava muito entusiasmado, pois sentia que aquele feijão indicava que a ele também seria possível vencer a batalha contra o tal poder que referia. Ele dizia:

“De alguma maneira vou encontrar uma saída, pois a história relata um menino pequeno que vence um gigante!... ora eu acho que eu estou colocando aquelas pessoas que me oprimem como gigantes, mas eles não são. (SIC)... minha mãe quando contava esta história frisava bem, que nós precisamos acreditar nas possibilidades que a vida nos dá”. (SIC)

Para J. L. evidenciava-se uma saída, estava encantado com suas descobertas. Sua autoestima e autoconfiança parecem ter aumentado, pois estava mais comunicativo, além do que, forças parecem ter sido evocadas, provenientes de sua própria natureza criativa e flexibilizadas pelos movimentos corporais, exercícios respiratórios e da própria expressão artística que o ajudaram a construir seu mito pessoal com características

diferentes, mais adaptáveis ao seu momento de vida e que o libertaram do medo de se defender junto ao processo pelo qual estava sendo acusado.

Discussão e Resultados

Podemos compreender a evolução deste caso a partir de um eixo norteador do trabalho arteterapêutico pela apreciação do material - conteúdo verbal, expressão corporal e produções artísticas - que nos fez meditar sobre alguns aspectos relacionados à experiência do sujeito. É fato que alguns destes tópicos se relacionam à própria experiência intrapsíquica que naturalmente surge durante a ação criativa. Esta ação compõe uma dimensão que vai além da realidade concreta, o que pode favorecer o contato com um mundo imagético assaz valioso por conta da riqueza dos elementos simbólicos que nos colocam próximos da experiência humana. Bernardo (2008) refere que os recursos arteterapêuticos auxiliam o indivíduo a penetrar numa caminhada heroica que nos conduz ao interior de nosso ser para então retirar as ferramentas que nos ajudam a desenvolver os talentos que nos vinculam a um significado mais vasto em nossa vivência.

Nas produções de J. L. e em fragmentos de sua narrativa, por exemplo, pode-se observar a amplitude simbólica que se projeta por meio da atividade artística, surgindo durante a elaboração e na sua produção final. Nota-se que o mundo psíquico é projetado numa direção espontânea de imagens internas que não se confinam ao domínio e ao intento conscientes. Pelo contrário, as imagens são repletas de significados que se ampliam além das explicações do paciente, pois há tal complexidade perante este contato com o fazer criativo e, da mesma forma, com a realidade apresentada pela natureza dos chakras, que é impossível compreender completamente todo o fenômeno de imagens. Assim, reconhecemos que nossa explicação também é restringida na justa medida em que fazemos parte deste mesmo universo. Segundo Pain, o lugar do arteterapeuta, “é

acompanhar o processo do sujeito, ser uma testemunha de sua aventura, ajudá-lo a superar os obstáculos encontrados, considerando-os, ao mesmo tempo, de um ponto de vista subjetivo e objetivo, sem, no entanto interferir na obra criativa” (PAIN, 2001, p. 21).

É importante observar que na confluência entre os recursos arteterapêuticos e a abordagem dos chakras utilizados neste estudo, surgem nas produções imagens e temas considerados universais como, por exemplo, a luta do pequeno contra o grande que pode ser uma referência arquetípica do Mito do herói, que demonstra arquetipicamente o triunfo do ego sobre as disposições regressivas. Grinberg (2003) explica que este mito simboliza a batalha entre duas forças – a vitória da consciência sobre as energias que escravizam o inconsciente. Simbolicamente o herói representa o movimento da energia psíquica, que induz ao contato com o mundo dos desejos, das emoções e dos instintos (o inconsciente).

A referência aqui se faz também na direta correspondência do chakra básico, que segundo Jung (1999) está associado ao nível mais primitivo ou instintivo da psique, contendo, deste modo, representações arquetípicas personalizadas que retratam o lugar onde a humanidade que não se dá conta de si mesma, torna-se “uma vítima de impulsos, instintos e inconsciência.” (JUNG, 1999, p. 60). Por isto mesmo, a importância dos movimentos corporais e respiratórios, sons tribais e técnicas arteterapêuticas associadas ao elemento terra, como o uso da argila, que intensifica o contato com o corpo e fortalece a base estrutural do ego para promover aterramento. Bernardo (2009) relata que o contato com a argila gera uma aproximação de vínculos com “a sabedoria da psique, com o solo arquetípico de onde a nossa consciência retira o seu alimento, em forma de energia psíquica, para a sua constituição e ampliação”. É possível estar mais capacitado para acolher as novas sementes em nossa realidade quando nos ligamos conscientemente com “a dimensão mais primitiva e profunda de nosso ser”. (BERNARDO, 2009, p. 23).

Frisamos também sobre a força do desejo de J. L. identificada no conto **João e o**

pé de Feijão: esta história não qualifica a opção de bem ou mal, mas deixa evidente a esperança de que os mais fracos também podem vencer. Grinberg (2003) nos diz que os desejos, bem como as idéias, são como sementes que surgem do substrato profundo de nosso ser (inconsciente), visando ampliar e explorar possibilidades. J. L. relata em dado momento o quanto a história revela o que não havia percebido:

Conforme fui me dando conta da história, as lembranças voltavam a minha mente... É como se eu pudesse viver novamente aquele momento com minha mãe; amassar o barro, dar forma, colocar as sementes me dão a impressão de que vou para algum lugar onde a terra é fértil e eu planto estas sementes aí, nesse lugar. A casa da minha mãe tinha uma horta, de terra boa, todas as sementes que lá caíam germinavam... Acho que eu tenho sementes aqui, bem dentro de mim. (SIC)

Segundo Bernardo (1999, p. 223) o pé de feijão faz a ligação da terra com o céu, fazendo a ponte entre “o real e o imaginário”, o que possibilita retomar os tesouros roubados pelo gigante. Com os recursos que João conquista no céu do gigante, ele instrumentaliza-se para enfrentá-lo. Ao relacionar esses aspectos do conto ao caso de J. L. poderíamos quem sabe dizer que, a partir do momento que J. L. se sente motivado e capacitado com a sabedoria da psique, instrumentalizado com seus talentos e recursos internos (capacidades, motivação, força e coragem), pode enfrentar as condições adversas em que se encontra. A partir daí é possível reconstruir seu mundo com novas bases, com outros referenciais e ressignificar a própria vida. Mas, qual o caminho para este acontecimento?

É importante comentar que o pé de feijão neste contexto, conforme se vê na fala do paciente, teve uma representação interessante quanto ao instrumento que possibilitou a J. L. alcançar outros patamares de entendimento. Se aprofundarmos um pouco nossa compreensão é possível entender o simbolismo do pé de feijão como uma árvore que marca um eixo que conduz João da terra ao céu, à morada do gigante. Grinberg (2003)

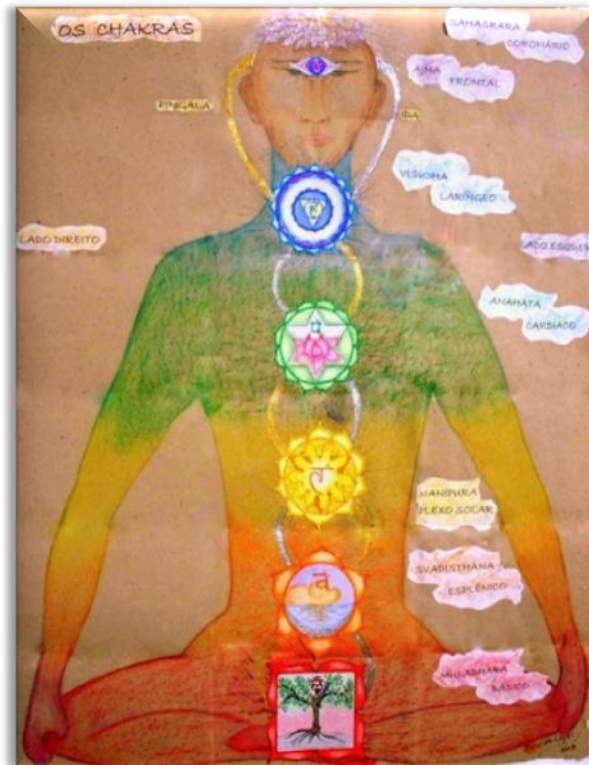
diz que todos nós possuímos um eixo que “operacionaliza a ação dos símbolos na estruturação da consciência”, sendo conhecido como “Eixo Ego-Si-Mesmo”. Este “eixo é a via de comunicação entre o inconsciente e a consciência, realizada por meio de símbolos que unem esses dois sistemas”. Portanto, nossas funções psicológicas atuam por intermédio deste eixo. O autor também ressalta que se um arquétipo é ativado a consciência será forçada a partir do inconsciente, obrigando-a a encontrar “naquele estágio de diferenciação uma nova interpretação que permita uma conexão da vida atual com as raízes do passado que existe em cada um de nós”. (GRINBERG, 2003, p. 173)

Neste trabalho com J. L., um dos enfoques foi possibilitar de alguma forma o acesso a este estágio de diferenciação por meio deste eixo, o que justifica a utilização dos recursos arteterapêuticos já citados, aliados ao contato com os aspectos psíquicos relacionados aos chakras, que permite a conexão com o eixo Ego-Self, pois conforme relata Jung (1972):

Os chakras são centros de consciência e Kundalini, a Serpente Ígnea, que dorme na base da coluna vertebral, é uma corrente emocional que une de baixo para cima e também de cima para baixo. É uma espécie de graduação de consciência que vai desde a região do períneo até o topo da cabeça. (p. 26).

Os chakras estão diretamente relacionados ao eixo estrutural do corpo, constitui-se numa ponte que liga todos os níveis de consciência, tal qual uma escala musical com a vibração do som. Jung (1972) descreve que o processo de individuação está relacionado à manifestação da kundalini, energia que percorre este eixo e interliga estes centros. A explicação de Jung sobre a Kundalini não é apenas teoria, mas produto de suas observações a respeito do movimento da vida psíquica de seus pacientes. A imagem⁵ abaixo pode ampliar a compreensão sobre como esses centros energéticos estão alinhados no corpo humano.

1- Pintura da autora



Considerações Finais

Este trabalho trouxe a oportunidade de exercer uma profunda reflexão sobre as questões relacionadas às aplicações da arteterapia e as ligações com a teoria dos chakras; oferece-nos a oportunidade de perceber os entremeios que envolvem estados psíquicos conflituosos, como os apresentados por este paciente. Por isto mesmo, no transcorrer deste estudo, meditamos muito sobre o processo arteterapêutico de J. L., o que nos induziu a algumas considerações importantes.

A arteterapia é um instrumento valioso que pode nos auxiliar na análise de aspectos do mundo psíquico, o que possivelmente nos aproxima de um melhor entendimento da dinâmica intrapsíquica de J. L., a qual extrapola a própria situação de confronto que o paciente se submetia em sua experiência humana. A via simbólica, por sua vez, ajudou a renovar o contato de J. L. com as forças arquetípicas que estão na base do crescimento psíquico de todo ser humano e proporcionou uma ressignificação de sua situação atual.

O objetivo do contato significativo com o mundo das imagens, possibilitado pela utilização de recursos arteterapêuticos, pareceu beneficiar a aproximação gradual de conteúdos que se projetaram nas produções finais do caso enfocado. Destarte, os aspectos inconscientes, que talvez sobrepujem dados mobilizadores de angústia, tais como sentimentos de medo, falta de coragem e sofrimento trazidos pelo paciente, puderam aos poucos ser exteriorizados durante os encontros e se tornaram conscientes. A criação do vínculo estabeleceu uma comunicação ao nível inconsciente que possibilitou o surgimento de uma linguagem pré-verbal, que a terapeuta pôde captar de sua produção expressiva, o que influenciou a escolha adequada de técnicas arteterapêuticas que fornecessem ao paciente um caminho de elaboração simbólica. Isso deixa evidente o quanto é importante para o arteterapeuta aceitar e traduzir as necessidades do paciente em atuações e propostas de trabalho condizentes com o seu momento psicológico, levando-se em consideração suas necessidades e limitações.

Na dinâmica dos encontros arteterapêuticos relatados, durante a elaboração do material trazido pelas produções expressivas, J. L. pareceu se despir simbolicamente partes de si mesmo que não lhe serviam mais em seu processo de crescimento interior, e em compensação, talvez ele tenha levado consigo conteúdos decifrados e ressignificados.

Acreditamos também que o processo criativo e de harmonização dos chakras aplicado em J. L. talvez tenha possibilitado a ele um acesso às suas capacidades e potencialidades em direção a uma maior integração e equilíbrio psíquico, o que o conduziu ao estabelecimento de relações mais saudáveis com o mundo à sua volta e com aspectos de si mesmo. É possível que as expressões artísticas tenham ajudado J. L. a ganhar mais corporeidade, pois o mundo real e o imaginário em seu entremear provavelmente derivaram em movimentos transformadores.

Conhecer e trabalhar com os chakras pode propiciar ao arteterapeuta uma visão

mais ampla de possibilidades contidas no universo transformador que a arte induz. Afinal, este profissional precisa estar aberto e ter disposição para ampliar seu cabedal de informações. Em uma abordagem fenomenológica, respeitar símbolos coletivos que são provenientes de experiências e sentidos atribuídos a essas experiências acumulados nas reminiscências de uma cultura, é fundamental dialogar com outros conhecimentos.

Nas práticas e reflexões onde buscamos relacionar a compreensão a respeito dos chakras à utilização de recursos arteterapêuticos, observamos que há uma direta relação entre estes dois conhecimentos que se entrelaçam de forma complementar. Neste pressuposto entendemos que os chakras constituem-se em expressões arquetípicas intimamente relacionadas com forças que atuam no desenvolvimento psíquico do ser humano, e que o arteterapeuta, com este conhecimento, pode ampliar sobremaneira seus recursos e possibilidades para aplicação terapêutica. Portanto, compreendemos que a grande função do arteterapeuta em verdade é evocar a arte dos pequenos milagres vindos da carne e dos pensamentos luminosos, para que as qualidades virtuosas da alma se manifestem, afinal, especialistas e leigos sempre tiveram a missão semelhante: quebrar o ovo escuro da natureza e abrir as portas do desejo humano.

Data de recebimento: 04 de Abril de 2012.

Data da primeira revisão: 07 de Maio de 2012.

Data de aceite: 07 de Maio de 2012.

Referências

BERNARDO, P. P. **A prática da Arteterapia**: correlações entre temas e recursos. Vol. I: temas centrais em Arteterapia. São Paulo: Editado pela autora, 2008.

BERNARDO, P. P. **A prática da Arteterapia**: correlações entre temas e recursos. Vol II: Mitologia Indígena e Arteterapia: a arte de trilhar a Roda da Vida. São Paulo: Editado pela autora, 2009.

BERNARDO, P. P. Do Caldeirão de Sementes à Harpa Encantada. Em: VIEIRA, M. C. T., VINCENTIN, M. C. G., FERNANDES, M. I. A. (org) **Tecendo a Rede**: Trajetórias da Saúde Mental em São Paulo. São Paulo: Cabral Editora Universitária, 1999. p. 215-232

- ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FAGALI, E. Q. O Projeto em busca do Herói. Em: CIORNAL, S. (org) **Percursos em arteterapia**. Vol.63. São Paulo: Summus Editorial, 2004. p. 241-244
- FRANZ, M. L. VON. **A Interpretação dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- GINGER, S. e GINGER, A. **Gestalt, uma terapia de contato**. São Paulo: Ed. Summus, 1995.
- GRINBERG, L. P. **Jung, o Homem Criativo**. São Paulo: Ed. FTD S.A, 2003.
- GUERTZENSTEIN, S. O Corpo em Arteterapia. Em: ARCURI, I. (org) **Arteterapia do Corpo e Alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 59-78.
- JUNG, C. G. (1932) **The psychology Of Kundalini yoga**: Notes of The seminar. Princeton, USA. Edited: Sonu Shamdasani, 1999.
- JUNG, C. G. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. Em: Obras completas V. XVIII. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1975.
- PAIN, S. e JARREAU, G. **Teoria e técnica da arteterapia**: a compreensão do sujeito. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- WOODROFFE, J. SIR. **El Poder Serpentino**: El Sat-cackra-nirupana y El paduka-pañcaka: tradução do Sânscrito. Editorial Kier, 1ª ed. Buenos Aires: Argentina, 1979.

Artigo Original

ARTETERAPIA E IMAGENS: (DES)CONSTRUINDO CAMINHOS

ART THERAPY AND IMAGES: (DE)CONSTRUCTING PATHS

Robson Xavier da Costa⁶

Ana Cláudia Lopes de Assunção⁷

Resumo

Este artigo compreende uma narrativa estético-pedagógica sobre a experiência compartilhada da produção visual dos dois autores realizada durante o processo de formação como arteterapeutas. Objetivamos analisar algumas imagens produzidas pelos autores entre os anos de 2003 e 2004, como aprendentes do curso de formação em arteterapia da parceria Clínica Pomar – Rio de Janeiro/CAPS - Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brasil. Neste trabalho utilizaremos como bases teórico/práticas aplicadas na arteterapia, os conceitos da psicologia analítica (JUNG, 2002), a técnica da “pintura espontânea” (BELLO, 1996) e o conceito das cinco peles do artista austríaco Hundertwasser, procurando compreender a relação entre a produção visual expressiva criada no *setting* terapêutico, relacionada com as atividades do ateliê de pintura espontânea desenvolvidas no curso de formação em arteterapia (como também fora dele, como alunos em formação) sob supervisão, como meio promotor do desbloqueio do processo criativo dos autores. O foco desse trabalho é a análise da construção visual dos trabalhos expressivos durante os anos de formação como arteterapeutas e as

⁶ Arteterapeuta membro da Associação Pernambucana de Arteterapia e Prof. do Departamento de Artes Visuais – UFPB/João Pessoa/PB, Líder do Grupo de Pesquisa em Arteterapia e Educação em Artes Visuais - GPAEAV/UFPB/CNPq. Mestre em História – PPGH/UFPB, Doutorando em Arquitetura e Urbanismo PPGAU/UFRN, Bolsista Doutorado Erasmus Mundus – União Européia - EA/UMinho/Portugal. Endereço: Rua Alexandre Herculano, 54, rés do chão esquerdo, Azurém, Guimarães, Portugal, Código Postal 4800026. Email: robsonxcosta@yahoo.com.br. Fones: (+351) 916668217 ou (+351) 252050824.

⁷ Arteterapeuta e Prof^a. do Departamento de Artes Visuais – URCA/Juazeiro/CE. Membro do GPAEAV/UFPB/CNPq. Mestre em Artes Visuais - PPGAV/UFPB/UFPE. Endereço: Av. João Vieira Carneiro, 940, aptº 106, bloco A, Conjunto Pedro Gondim, João Pessoa, Paraíba, Brasil, CEP 58.031-080. E-mail: anaclaudia-pb@hotmail.com. Fones: (83) 99386056 ou (83) 87449692.

consequências do contato com as imagens autorreferentes quando o aluno é oriundo da área de arte/educação.

Palavras Chave: Arteterapia, Arte/Educação, Artes Visuais.

Abstract

This article includes an aesthetic and educational narrative about the experience shared on the production of two authors had during the process of training as art therapists. We aimed to analyze some images, produced by the authors between the years 2003 and 2004, as “*apprenants*” of art therapy training course in partnership with POMAR Clinic – Rio de Janeiro, and Brazil/CAPS – Casa Forte, Recife, Pernambuco, Brazil. In this paper we will use as base the theory applied in art therapy practice, the concepts of analytical psychology (JUNG, 2002), the technique of “spontaneous painting” (BELLO, 1996) and the concept of the five slims of the Austrian artist Hundertwasser, seeking to understand the relationship between visual production created in significant therapeutic settings, related to the activities of the painting atelier, developed spontaneously in the course of art therapy (as well as outside of it, as students in training) under supervision, as a way of promoting the release of the creatives processes of the authors. The focus of this paper is to analyze the visual construction of expressive works during the formative years of art therapist and the consequences of contact with the images self respect when the student comes from the area of art/education.

Key words: Art Therapy, Art/Education, Visual Arts.

Introdução

Ao refletirmos sobre o nosso próprio processo artístico por meio de uma narrativa-pedagógica, identificamos que o mesmo apresentava semelhanças com o caminho

percorrido pelo artista vienense Hunderwasser⁸, sua lógica interna humanista de percepção e ação sobre o mundo. Sua arte nos inspirou para a reflexão e escrita desse ensaio, nos levando a questionar nossa própria prática como arte/educadores, arteterapeutas e artistas.

Hundertwasser (...) é seguramente o artista mais conhecido na Áustria. Também o mais controverso e notório. A sua reputação internacional – já solidamente estabelecida nos finais dos anos sessenta por uma carreira trepidante, iniciada com uma longa e decisiva estadia em Paris, à qual se seguirá uma série de exposições, de discursos-manifestos e *performances-happenings* – será definitivamente consolidada pela volta ao mundo das suas obras em museus dos cinco continentes, uma manifestação planetária levada a cabo com mãos de mestre entre 1975 e 1983 pelo seu empresário Joram Harel: “A Áustria mostra Hundertwasser aos continentes”. (RESTANY, 2003, p. 8).

Segundo Restany (2003) Hundertwasser foi o artista das cinco peles, experimentalista e naturalista, criou diversos manifestos e ações performáticas que sempre envolviam arte e questões socioambientais, como, as atitudes artísticas “o teu direito a janela”, “o teu direito a árvore”, manifesto do bolor contra o racionalismo na arquitetura”, “discurso Nu”, “manifesto los vos Loos”, “inquirino Albergo”, “as retretes de húmus” e “manifesto da santa merda”, entre outros. As cinco peles seriam as cinco interfaces do ser humano com o meio em que habita e as formas de se conectar com o mundo circundante em todas as escalas possíveis.

A primeira pele é a epiderme, a primeira camada ao redor do nosso corpo, que reage aos estímulos sensoriais; a segunda pele é o vestuário, o envoltório que define status e protege o corpo das intempéries, seria a possibilidade do equilíbrio entre o dentro e o fora, adaptação do corpo ao meio e o estabelecimento de contatos visuais e sinestésicos; a terceira pele é a casa do homem, o lugar criado e adaptado para a

⁸Friedensreich Hundertwasser – ou como se intitulava “Friedensreich Regentag Dunkelbunt Hundertwasser”, seu nome próprio era Friedrich Stowasser (Viena – DEZ 1928/FEV 200 – a bordo do RMS Queen Elizabeth – Próximo a Nova Zelândia), artista visual austríaco, atuando no desenho, na pintura, na moda, no *happening*, na performance, na escultura, na arquitetura e em projetos sociais, ligados ao seu ativismo ambiental e político, foi um dos grandes nomes da arquitetura orgânica moderna e defensor do meio ambiente.

sobrevivência cotidiana, o ambiente onde se estabelece a família, onde se vive; a quarta pele é o meio social, sua identidade cultural, suas relações humanas, participação comunitária, seu lugar no grupo; a quinta pele é o meio global – ecologia e humanidade, seria sua identificação e atuação ecológica, seu cuidado com a terra e a vida humana, sua contribuição para a continuidade da espécie e equilíbrio ambiental (ecologia).

Refletindo sobre as cinco peles de Hundertwasser, resolvemos olhar sobre nosso próprio processo enquanto arte/educadores no período de formação como arteterapeutas (2003/2004), definindo também as nossas cinco peles:

1ª pele - O Ninho – Saindo da casca - refletimos sobre o nosso lugar de origem, onde iniciamos o processo como arte/educadores até chegarmos a formação como arteterapeutas, definindo assim o entorno do nosso corpo.

2ª pele – O ato criador – ganhando asas – descrevemos e analisamos o processo de criação das imagens transformadoras da nossa prática, a sua significação e os processos emocionais envolventes, a definição de nosso novo lugar.

3ª pele – Imagens espelho – (re)construindo caminhos – discutimos sobre a importância da formação como arteterapeutas na nossa vida pessoal e profissional, as trajetórias e os processos transformadores que definiram nossa relação social a posteriori.

4ª pele – Socializando processos – ensinando a voar – descrevemos aqui quais foram os desdobramentos pessoais e profissionais a partir da tomada de consciência após o processo de formação como arteterapeutas, objetivando a continuidade e a socialização do conhecimento para um público mais amplo.

5ª pele – Caminhos cruzados – aperfeiçoando rotas – nessa etapa refletimos sobre o nosso encontro como arte/educadores ao longo de nove anos de carreira profissional, e os desdobramentos a partir da formação como arteterapeutas.

Em 2003 o Estado da Paraíba, não contava com nenhum curso de formação, nem especialização em arteterapia, os profissionais interessados tinham que se deslocar até

as cidades do Recife ou Natal, em busca de formação, esse foi o nosso caso, nos deslocamos até a cidade do Recife, em Pernambuco, objetivando cursar a formação em arteterapia.

Este estudo tem por objetivo descrever e analisar algumas imagens produzidas durante o nosso percurso como alunos do curso de formação em arteterapia, oferecido pela Clínica Pomar, realizado entre os anos de 2003 e 2004, ministrado no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS Casa Forte, na cidade do Recife, Pernambuco, Brasil.

Como autores desse artigo e oriundos da área da arte/educação, estamos habituados ao fazer, refletir e conhecer arte, o que denota um olhar diferenciado para a prática arteterapêutica. Desta forma, pretendemos identificar a relação entre a autoprodução visual expressiva realizada no *setting* terapêutico e as atividades de ateliê de pintura espontânea, compreendendo um processo de autoconhecimento, que utiliza técnicas expressivas para ativar o potencial criativo do indivíduo, para manifestar sua energia vital, sem a preocupação com as regras de composição do campo formal da arte, como afirma Susan Bello:

A Pintura Espontânea surgiu com o desenvolvimento da arteterapia e da terapia expressiva. Pode ser executada por qualquer pessoa interessada em pintar suas emoções e conteúdos inconscientes. É uma expressão de energia vital do artista, sem preocupações com as considerações estéticas. Não é guiada por regras de composição ou valores externos (BELLO, 1996, p. 12).

Pretendemos identificar nas imagens simbólicas, os processos da atividade criadora e o estudo psicológico da produção artística, possibilitando compreender o significado de tal produção. Essa análise se pauta na psicologia analítica de Jung, a qual se “ocupa dos fenômenos psíquicos vistos na sua complexidade, ao contrário de outras correntes que visam reduzir o mais possível os fenômenos complexos a seus elementos” (SILVEIRA, 1976, p.39).

O texto foi montado a partir da sobreposição da autodescrição e autoanálise dos dois autores, apresentando na primeira pessoa do singular (quando dos depoimentos dos autores), apresentando separadamente o pensamento de cada um dos autores, uma visão masculina (Sol) e outra feminina (Lua), sobre o processo de formação em arteterapia. Desta forma, em cada item serão apresentadas as duas visões, cabe ao leitor, identificar no discurso da história de vida dos autores as narrativas individuais e comparar os percursos apontados no texto.

1. O ninho: saindo da casca - a primeira pele

Refletimos aqui sobre o nosso lugar de origem, onde iniciamos o processo como arte/educadores até chegarmos à formação como arteterapeutas, definindo assim o entorno do nosso corpo, como agente de transformação pessoal e profissional, mediados pelo processo arteterapêutico, as duas vozes Sol e Lua, definem os arquétipos do masculino e feminino e auxiliam o leitor na identificação do autor do discurso ao longo de todo o texto.

Sol - Após alguns anos atuando como artista visual (e como professor leigo durante os anos de 1988 a 1992), conclui a licenciatura em Educação Artística - artes plásticas pela UFPB, e em 1993 passei a ministrar aulas de artes visuais no Ensino Fundamental e Médio, na rede privada de ensino e posteriormente na rede pública municipal de cidades da Grande João Pessoa (Santa Rita, Conde e Bayeux). Foi durante minha atuação como professor de artes visuais no Ensino Fundamental que tive os primeiros contatos com alunos portadores de necessidades educativas especiais, já inseridos em salas regulares de ensino, crianças com deficiência visual e mental, o desafio inicial do trabalho com essas crianças em um momento em que não se falava ainda da inclusão educacional me levou a acreditar nas possibilidades do poder terapêutico da arte na escola.

Essa experiência me levou a buscar formação especializada na área, iniciei o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Especial na UFPB, concluído em 2005, e comecei a atuar na Educação Especial junto a Fundação de Apoio ao Portador de Deficiência – FUNAD, na Coordenadoria de Apoio ao Portador de Deficiência Mental – CODAM, junto ao Setor de Arteterapia, ressalto que nesse momento, eu ainda não tinha nenhuma formação específica como arteterapeuta, mas desejava fazer formação especializada na área.

Comecei a atuar como professor de cursos de formação continuada de professores para a Prefeitura Municipal de João Pessoa, e para a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, durante os anos de 2000 e 2004, observando o comportamento emocional dos professores nos cursos e na troca de experiências, onde exteriorizavam seus problemas emocionais e pessoais, um processo de catarse coletiva, ao estimular o desbloqueio do processo criativo desses professores passei a enxergar a necessidade de me aprofundar no conhecimento da arteterapia, o que me levou a buscar o curso de formação da Clínica Pomar no Recife.

Lua – Durante as atividades desenvolvidas em sala de aula como arte/educadora, em diferentes locais onde eu atuava, tais como: escolas públicas e privadas e cursos de formação, tendo um público que variava entre crianças, adolescentes e adultos, costumava observar as imagens que surgiam em seus processos criativos e aos seus relatos. Este processo me instigava a querer conhecer a fundo como isto acontecia. Acreditava que esta produção ia além do manuseio dos materiais e da apropriação de técnicas, atividades estas desenvolvidas em sala de aula, mesmo trabalhando com a leitura e interpretação das obras de grandes artistas, assim como artistas populares, tendo como objetivo proporcionar uma ampliação no olhar do docente, uma vivência estética, percebia que algo acontecia na vida dessas pessoas a partir do trabalho com arte.

Percebia desta forma, que ali naquelas imagens produzidas pelos alunos tinha algo de revelador, que não poderiam ser traduzidos apenas em palavras. Algo que emergia de uma sequência de atividades que partiam primeiramente de uma sensibilização, de uma motivação que o levasse a uma autorreflexão de sua existência, inserida no contexto ao qual estava sendo trabalhado. Foi então que, no percurso da vida em meio a estas reflexões, encontrei a formação em arteterapia, oferecida pela Clínica Pomar, com os encontros presenciais na cidade de Recife.

2. O ato criador: ganhando asas – a segunda pele

Descreveremos e analisaremos o processo de criação das imagens transformadoras da nossa prática, a sua significação e os processos emocionais envolventes, a definição de nosso novo lugar no mundo profissional e os desdobramentos ocorridos.

Sol – ao longo de quase um ano e meio de curso de formação em arteterapia, produzi inúmeras imagens, durante os workshops nas aulas, como também sozinho no meu ateliê/residência, processo contínuo e paralelo às atividades do curso. Analisarei neste ensaio uma série de imagens de retratos pintados de forma espontânea em pequenos formatos, com tinta acrílica, desenvolvidos no meu ateliê/residência durante os anos de 2003/2004, quando estava trabalhando com a função terapêutica da persona⁹ no curso de formação em arteterapia.

Escolhi trabalhar com uma série de retratos (ver figuras de 01 a 06), devido à utilização de técnicas semelhantes a que desenvolvi durante as aulas presenciais de arteterapia - imagens figurativas expressivas e o uso da pintura espontânea. O fluxo contínuo com que trabalhei essas imagens durante esse período e a carga emocional que

⁹ Conceito criado pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) para identificar as diferentes formas que os seres humanos agem em cada contexto social, como um mecanismo de defesa do psiquismo humano, ao adaptar-se ao meio. A Persona reflete o processo de adaptação do ser humano pelo comportamento frente ao mundo.

as mesmas despertaram em mim durante o processo arteterapêutico foi extremamente transformadora. À medida que essas imagens foram sendo gestadas, sentia um misto de ansiedade e alívio, fui meio que levado pela pintura, pela sequência intensa do surgimento das imagens e pela espontaneidade delas.



Figura 01 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.



Figura 02 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.



Figura 03 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.



Figura 04 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.



Figura 05 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.



Figura 06 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 9 x 12Cm – 2003.

Durante o processo me identifiquei com várias imagens produzidas, sentia como se várias partes de mim mesmo estivessem sendo retratadas nas pinturas, como se diferentes personas surgissem nas imagens. Elementos do universo masculino e feminino interagem constantemente e se sobrepunham, levando-me a refletir sobre a minha

anima¹⁰. As imagens fluíram como no automatismo psíquico dos surrealistas, surgiam trazendo uma intensa carga emotiva, que hora incomodavam, hora eram fonte de prazer estético.

Entre as imagens selecionei seis, que considerei mais significativas, três com elementos femininos, ligados a anima (ver figuras 01,02 e 03), e três imagens com elementos masculinos (ver figuras 04,05 e 06). Ao rever essas imagens após oito anos, pude identificar que as mesmas representam um momento tenso da minha vida, repleto de desafios constantes, durante o qual eu tive de enfrentar questões pessoais e profissionais instigantes, tais como mudanças constantes de empregos, redirecionamento profissional e autoafirmação como pessoa, essas imagens representam uma importante etapa do meu processo de autoconhecimento como arte/educador e como arteterapeuta.

Lua - Neste breve relato pretendo analisar a produção visual expressiva construída no *setting* arteterapêutico, em que parti de algumas imagens resultantes de uma sequência de vivências, entre elas, destaquei um processo de pintura espontânea em que fui estimulada a produzir imagens gestualmente, sem que passasse pelo racional, pelo organizacional da estrutura compositiva. O facilitador neste momento me levou a vivenciar uma série de atividades sensoriais, entre elas iniciando pela organização do ambiente e preparação dos materiais a serem utilizados no processo. Estimulada por uma variedade de músicas, que iniciaram com ritmos yan, conduzindo a uma movimentação corporal expansiva com gestos fortes e vibrantes. Quando o ambiente estava pronto para iniciar a atividade de pintura e o corpo bastante aquecido, sentei no chão e o ritmo da música foi mudando para algo mais yin. Neste momento foi feito o convite para que deixasse a tinta escorrer sobre o papel, seguindo seu ritmo gestual, o qual havia despertado após aquela

¹⁰ Para Jung à “anima” é o componente feminino na psique masculina, que foi inspirado no termo de origem latina “animare”, ligado a ideia do animar, viver, sendo o pólo oposto do “animus” o componente masculino na psique feminina (SILVEIRA, 1976).

sequência de atividades, trabalhou-se com um bloco de papéis, para cada folha um gesto, cada um seguia seu ritmo e definia a hora de parar.

O resultado deste processo gerou uma série de imagens espontâneas, das quais selecionei três (ver figuras 07, 08 e 09) que se assemelham pelo gesto, para dar continuidade na atividade. Escolhi uma destas imagens para ampliar num suporte, (figura 09) que já estava fixado na parede, onde reproduzi este gesto numa outra dimensão, trabalhei sobre esta imagem com cores diluídas em água. Era um exercício contínuo de reprodução do movimento, onde eu trocava apenas as cores, as quais corriam sobre o papel e se misturavam.



Figuras 07 - LUA – pintura abstrata espontânea – aguada de nanquim s/papel A4 - 2003.



Figuras 08 - LUA – pintura abstrata espontânea – aguada de nanquim s/papel A4 - 2003.



Figuras 09 - LUA – pintura abstrata espontânea – aguada de nanquim s/papel A4 - 2003.

Neste processo percebi que algo se desmanchava dentro de mim, como rupturas. O uso da tinta aguada favoreceu em muito este diluir e na transparência das cores, algo desvelado aparente, nenhuma cor desaparecia tudo se sobrepunha, a sensação que tive era como se abrisse uma porta no meu ser e fosse feito o convite para entrar. Este estado me proporcionou uma sensação de muito prazer, era como uma cachoeira de cores, que partiam de pingos coloridos como lágrimas que correm dos olhos, transbordando os limites e se transformando em uma cachoeira, que transborda pelos rios que rompe todos os limites e deixa-se fluir através do tempo. Um prazer imenso no processo de execução,

ao ver as novas cores que surgiam de suas misturas e escorriam pelo papel. Esta vivência me proporcionou um estado de apreciação de profunda beleza.

A primeira imagem que surgiu (figura 10) defino como uma cachoeira de cores, fluídas e transparentes, oriunda de um gesto circular, que sugere um semicírculo que vai se reproduzindo em profundidade num movimento em espiral.

Deste gesto de pintar tão prazeroso, junto ao ato de visualizar as tintas em cores escorrendo e se fundindo umas com as outras, foi que veio a necessidade de continuar em outro suporte este experimento tomando outra forma, já com o papel na vertical, deixei simplesmente as cores correrem e me delicieei com os percursos dos pingos de tinta escorrendo pelo papel em cores translúcidas e luminosas. Neste momento me senti desnuda e ao mesmo tempo acolhida. Foi um sentimento de conforto e liberdade, de me despir e me lançar, sem medo de arriscar.



Figura 10 - LUA – pintura abstrata espontânea – aguada de acrílica s/papel A3 - 2003.



Figura 11 - LUA – pintura abstrata espontânea – aguada de acrílica s/papel A3 – 2003.

3. Imagem espelho: (re)construindo ninhos – a terceira pele

Discutimos aqui a importância da formação como arteterapeutas na nossa vida pessoal e profissional, as trajetórias e os processos transformadores que definiram nossa relação social a posteriori. Refletindo sobre nossas práticas profissionais.

Sol – A opção de me submeter a uma formação em arteterapia, sendo arte/educador, foi derivada da própria necessidade de me autoconhecer como pessoa e como profissional, já que o professor no cotidiano lida diariamente com pessoas das mais diferentes classes e origens, e de alguma forma, influencia e é influenciado por elas. Eu buscava compreender e estimular o meu próprio processo criativo, adormecido, naquele momento da vida, pela excessiva carga de atividades burocráticas e acadêmicas a que a ação educativa me impunha.

Ao iniciar o processo formativo, estava aberto e disponível para mudanças e desejava que as minhas estruturas emocionais e pessoais fossem trabalhadas, buscando favorecer a minha compreensão dos problemas dos outros a partir das minhas próprias vivências. A formação me proporcionou a experimentação de técnicas e materiais (na maioria das vezes já conhecidos da minha prática como artista visual e arte/educador) em contextos arteterapêuticos, favorecendo o trabalho com grupos humanos e com o desbloqueio do processo criativo dos alunos.

A minha entrega pessoal e emocional durante todo o processo de formação em arteterapia foi intensa e verdadeira, em cada workshop do curso, um novo aspecto do meu *Self*¹¹ foi trabalhado e desvelado. Todo o processo foi tão holístico que se tornou necessário um investimento emocional total, questões pessoais foram somatizadas e vivenciadas, em busca do meu processo de individuação.

Lua - A escolha pela formação em arteterapia iniciou pela necessidade de encontrar algumas respostas para o processo criativo, como isto acontece? O que leva uma pessoa a produzir tais imagens? Algo sem uma explicação concreta até então. Desde a infância sinto esta necessidade de me expressar através das linguagens artísticas, seja ela desenho ou pintura, teatro ou música, enfim sempre busquei estes experimentos, não tinha a intenção de ser um profissional na área, mas percebia que isto

¹¹ Para Jung o self é o núcleo central da psique, princípio fundamental e ordenador de energias, é através da experiência vivida que o ser humano busca o seu autoconhecimento e chega ao centro percorrendo ao longo da vida o processo de individuação, o caminho de si mesmo.

era imprescindível no meu percurso, pois quando aconteciam coisas que me desestruturava emocionalmente, era com o fazer artístico que eu retornava ao meu eixo, era e ainda é como uma fonte revigorante do meu equilíbrio emocional.

Depois como profissional, atuando como arte/educadora observava também o quanto a ato de criar mexia com os alunos, como se fundiam o aprendizado das linguagens artísticas com suas histórias de vida, com seus conflitos existências, tornando-se a sala de aula não só um local de ensino-aprendizagem como também um espaço de diálogo, de trocas de experiências cotidianas.

Quando iniciei o processo de formação em arteterapia, passei por um profundo mergulho na minha existência, senti que seria algo bastante forte e poderia mexer com todas as minhas estruturas pessoais e emocionais, mas era exatamente isto que eu estava querendo, percebi que para eu compreender o outro no seu processo criativo, precisaria primeiramente me compreender e experimentar das inúmeras possibilidades de materiais e técnicas que a formação nos oferecia, reconhecendo as suas propriedades terapêuticas e facilitadoras para desvelar o inconsciente e ir a fundo nas questões psicológicas.

A vivência foi intensa, a cada encontro muitas descobertas, para participar desta formação era preciso uma grande disposição, de querer se despir das amarras que mascaram o *Self*, para que pudéssemos chegar bem próximo do que realmente somos. Uma autodescoberta de quem somos e do que queremos.

4. Socializando processos: ensinando a voar – a quarta pele

Procuramos descrever quais foram os desdobramentos pessoais e profissionais a partir da tomada de consciência após o processo de formação como arteterapeutas, objetivando a continuidade e a socialização desse conhecimento para um público mais amplo.

Sol e Lua - Criamos inicialmente o Grupo de Estudos em Arteterapia na UFPB em 2005¹², transformado posteriormente em Grupo de Pesquisa em Arteterapia e Educação em Artes Visuais – GPAEAV – credenciado pela UFPB junto ao CNPq no ano de 2009, onde desenvolvemos as seguintes atividades de extensão e pesquisa - o grupo de estudo em arteterapia; a criação, organização e coordenação de cinco encontros paraibanos de arteterapia (EPA) e dois Congressos Nordestinos de Arteterapia; o desenvolvimento de projetos de extensão e pesquisa em arteterapia ligados a UFPB; a apresentação de trabalhos em seminários e congressos da área de Arteterapia e áreas afins; a criação do “curso de pós-graduação *lato sensu* em arteterapia e saúde mental” da UFPB; o apoio ao “Curso de pós-graduação *lato sensu* em arteterapia e educação do ser” da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal, Brasil; a publicação de *papers* em encontros, congressos e periódicos de arteterapia e áreas afins; a publicação de um livro.

O foco principal do GPAEAV da UFPB é fomentar o desenvolvimento e divulgação do conhecimento sobre Arteterapia no Brasil e no mundo, a partir das experiências desenvolvidas no Estado da Paraíba e no Nordeste brasileiro.

Ambos continuamos extremamente envolvidos com o fazer arteterapêutico que tem influenciado a nossa produção visual como artista/educadores e como investigadores na área de artes visuais. A possibilidade de fomentar um conhecimento de uma educação holística a partir da área de artes visuais, passando pela arteterapia como nova área de conhecimento multidisciplinar, possibilita utilizarmos esses conhecimentos como educadores em artes visuais em sala de aula, favorecendo o diálogo necessário entre professor e aluno no mundo acadêmico.

Sol - Quanto a minha produção como artista visual a experiência com a produção de pinturas figurativas espontâneas expressivas, voltou à tona no ano de 2010, quando produzi uma série de novos retratos em pequenos formatos com tinta acrílica que remete

¹² O GPAEAV – Grupo de pesquisa em arteterapia e educação em artes visuais, ligado a Universidade Federal da Paraíba – UFPB, foi criado inicialmente em 2005, como Grupo de Estudos em Arteterapia.

diretamente ao trabalho desenvolvido nos anos de 2003/2004, dos quais selecionei quatro imagens (ver figuras 12 a 15). Ao contrário da produção anterior, essa nova série foi acompanhada de sentimentos prazerosos, intensos e estimulantes, frutos de um processo contínuo de transformações pessoais e profissionais partilhados pela minha trajetória como arteterapeuta e arte/educador.



Figura 12 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 10 x 15Cm – 2010.



Figura 13 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 10 x 15Cm – 2010.



Figura 14 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 10 x 15Cm – 2010.



Figura 15 – SOL – pintura espontânea - acrílica S/Eucatex - 10 x 15Cm – 2010.

Lua – Ao retornar para João Pessoa, para ingressar no mestrado em Artes Visuais da UFPB/UFPE, em 2010, encontro o Grupo de Pesquisa em Arteterapia e Educação em Artes Visuais numa grande produção. Nesse processo entre iniciar um mestrado e as vivências com o Grupo de Pesquisa, me senti estimulada a retomar meu processo de

criação com pintura, no qual para minha surpresa, vejo emergir as imagens que estavam adormecidas, como que aguardando este momento para eclodirem. Nesta retomada percebo que aquelas imagens que surgiram de um processo de pinturas gestuais reaparecem novamente, num novo exercício, com mais força e vigor. Do mesmo gesto que me levou a produção de imagens, em que utilizei materiais fluídos como a aguada, vem renascer após estas idas e vindas, no meu percurso profissional, imagens com pinceladas vigorosas, tintas pastosas e cores fortes (Figuras 16 e 17).

Isto me leva a crer que é uma expressão da minha própria maturação, uma consistência no meu existir, mais tempo vivido, mais experiência, a visão do entorno se amplia. Porém fico a pensar sobre este gesto recorrente, o que representa? Ainda não tenho respostas, mas sei que são partes de um todo que vem se desvelando em códigos, aos poucos, para que eu possa decifrá-los e mergulhar no meu processo de individuação. Não pretendo aqui definir meus experimentos como obras de arte, mas sim como um exercício do fazer arte, reflexivo e relacionado com meu existir. Neste sentido Cecília Salles (2008, p. 17) nos fala “da necessidade de pensar a criação como rede de conexões (...) ao longo desse percurso, a rede ganha complexidade à medida que novas relações vão sendo estabelecidas”. É desta forma que penso o processo de criação destes experimentos uma junção das percepções e reações no percurso cotidiano.



Figura 16 – LUA – pintura espontânea - acrílica
S/Madeira 30 x 30Cm – 2010.



Figura 17 – LUA – pintura espontânea - acrílica
S/Madeira 30 x 30Cm – 2010.

5. Caminhos cruzados: aperfeiçoando rotas – a quinta pele

Nessa última etapa refletimos sobre o nosso encontro como arte/educadores ao longo de nove anos de carreira profissional, e os desdobramentos futuros a partir da nossa formação como arteterapeutas.

Sol e Lua – Nosso primeiro contato ocorreu em 2002, quando ambos fazíamos parte da equipe de facilitadores do curso de formação continuada de professores em Educação Infantil da Prefeitura Municipal de João Pessoa, Paraíba, Brasil, durante o planejamento do curso, trocamos muitas ideias e partilhamos conhecimentos, o que tornou-se uma parceria continuada, de forma assistemática ao longo desses nove anos (2002 – 2011), foi durante esse trabalho tomamos conhecimento do Curso de Formação em Arteterapia da parceria entre a Clínica Pomar e o CAPS Casa Forte no Recife, e então decidimos trilhar essa jornada pessoal e profissional juntos.

Durante todo o período de formação realizamos inúmeras atividades em grupo, o que fortaleceu o contato, ao longo dos altos e baixos, pessoais e emocionais, como alunos do curso, essa proximidade nos levou a planejar e desenvolver o estágio supervisionado em parceria, incluindo mais uma integrante no grupo a também arte/educadora e psicóloga Éricka Barros, aluna da mesma turma do curso de formação, que também residia em João Pessoa, Paraíba, Brasil.

No ano de 2003, ambos nos submetemos ao concurso para professor substituto na área de artes visuais da UFPB e fomos aprovados, passamos então a trabalhar juntos na universidade enquanto estávamos em período de formação em arteterapia, essa proximidade nos levou a desenvolver o estágio do curso nas instalações da UFPB.

Sol - Em fins de 2004, nossa trajetória profissional tomou novos rumos, me submeti ao concurso como professor efetivo do Departamento de Artes Visuais da UFPB, passando então a atuar como professor permanentemente dessa instituição.

Lua - Eu finalizei o contrato como professora substituta da UFPB e em 2007, me submeti ao concurso para professora da Escola de Belas Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA, em Barbalha, Ceará, Brasil, hoje já reconhecido como Centro de Artes Reitora Violeta Arraes Gervaiseu e tendo suas instalações na cidade de Juazeiro do Norte, onde atualmente desenvolvo atividades docentes.

Durante esse período continuamos em contato profissional, desenvolvendo trabalhos em parcerias entre as duas universidades, e no ano de 2010, LUA volta para João Pessoa como aluna do Programa de Pós-Graduação Associado *Lato Sensu* em Artes Visuais da UFPB/UFPE, retornando como membro das atividades regulares do GPAEAV, período em que SOL se encontra afastado das atividades docentes cursando o doutorado e ausente do país como bolsista Erasmus Mundus da União Européia.

Data de recebimento: 14 de Abril de 2012.

Data de aceite: 19 de Julho de 2012

Referências

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luíza Appy, Dorra Mariana R. Ferreira da Silva. 7ª Ed. Coleção Obra Completa, Volume 9/1, Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

RESTANY, P. **Hundertwasser**: o pintor - rei das cinco peles. Coleção O Poder da Arte. Trad. Portuguesa Teresa Carvalho. Köln – Alemanha: Taschen, 2003.

SALLES, C. A. **Redes da criação**: construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2008.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SUZAN, B. **Pintando sua alma**: um método para desenvolver a personalidade criativa. Trad. William Santiago. Brasília, 1996.

Ensaio

POR QUE PUBLICAR ARTIGOS EM ARTETERAPIA?

Maíra Bonafé Sei¹³

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti¹⁴

Margaret Rose Bateman Pela¹⁵

Pretende-se, por meio deste texto, lançar o debate sobre as razões pelas quais os profissionais e pesquisadores do campo da Arteterapia no Brasil ainda distanciam-se da publicação de material em periódicos científicos. Tem-se uma extensa produção por meio de apresentações em congressos e de livros, sem esta alcançar as revistas científicas de Arteterapia.

Considera-se, assim, que o campo da publicação científica em Arteterapia está crescendo em território brasileiro, com uma ampliação no número de publicações. Uma primeira catalogação e análise da produção científica no Brasil foi recentemente empreendida, apontando para o incremento da produção especialmente na última década (ALLESSANDRINI, 2009; ALLESSANDRINI, SEI e PELA, 2010). Naquele momento foram mapeados trabalhos acadêmicos que contemplassem a temática da Arteterapia produzidos por meio de Monografias de Conclusão de Cursos de Especialização, Mestrados, Doutorados e Pós-Doutorados.

Quanto à produção bibliográfica, Gonçalves (2009) fez um levantamento das obras publicadas por editoras entre os anos de 1968 e 2007, em português ou traduzidas para o

¹³ Psicóloga (CRP 06/69177 – IS/PR 281), Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Profa. Adjunta junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise – CCB – UEL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>. E-mail: mairabonafe@hotmail.com

¹⁴ Educadora, Arteterapeuta (AATESP 008/1203), Mestre em Gerontologia Social, PUCSP. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1118829470372302>. Email: deolinda.fabietti@terra.com.br

¹⁵ Graduada em Letras, Mackenzie, SP; Psicopedagogia, Sedes Sapientiae, SP; Arteterapia (AATESP 136/0310). Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9540829055121326>. Email: margaret@pela.com.br.

português. Dividiu a produção encontrada em três segmentos: aqueles que continham a palavra “arteterapia” em seu título com um total de 27 títulos; aqueles imediatamente ligados ao campo da Arteterapia, com 15 títulos; e aqueles correlatos a este campo, considerado como um levantamento parcial e com um montante de 50 títulos. É importante pensar no período englobado por este levantamento, datado de 5 anos atrás, de maneira que hoje tem-se um número superior de títulos em Arteterapia publicados em língua portuguesa.

Em seu levantamento, Gonçalves (2009) listou a existência de quatro diferentes revistas de Arteterapia naquele momento, a saber: *Revista de Arteterapia: Imagens da Transformação*, publicada pela Clínica Pomar no Rio de Janeiro; *Revista Arte-Terapia: Reflexões*, publicada pelo Instituto Sedes Sapientiae em São Paulo; *Arteterapia em Revista*, publicada pelo Centrarte em Porto Alegre; e, por fim, a *Revista Científica Arteterapia Cores da Vida*, publicada pela Associação Brasil Central de Arteterapia, em Goiânia. Tal como abordado, cinco anos se passaram desde este primeiro levantamento e, ao longo deste tempo, foram lançadas mais duas revistas: *Cadernos da AARJ – Estudos em Arteterapia*, no ano de 2009; e a *Revista de Arteterapia da AATESP*, no ano de 2010, que conta com periodicidade semestral. Vale ressaltar que a primeira é registrada junto à Biblioteca Nacional contando com um número de ISBN – numeração geralmente aplicada a livros. Assim, seu cadastro não está atrelado ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, por meio de um número de ISSN – numeração para publicações seriadas como as revistas usualmente apresentam.

Os periódicos científicos passam constantemente por uma avaliação, realizada pela CAPES e denominada de Qualis, que verifica os textos publicados nestas revistas e a diversidade de filiação institucional de seus autores, se há o envio dos textos para pareceristas, a indexação dos periódicos em base de dados, dentre outros critérios. A partir de pesquisa na classificação Qualis datada de 2010 para a área da Psicologia,

observa-se que apenas dois periódicos nacionais figuram nesta lista: *Revista Arte-Terapia: Reflexões* e *Revista Científica Arteterapia Cores da Vida*. Já na classificação Qualis de 2012¹⁶, a partir de busca com as palavras “arte-terapia”, “arteterapia” e “arte terapia” para os periódicos de todas as áreas, figuram apenas as revistas *Arte-Terapia*, *Revista Científica Arteterapia Cores da Vida* e a *Revista de Arteterapia da AATESP*.

Considera-se que o número de publicações científicas no campo da Arteterapia, que apresentam uma arbitragem, com avaliação da qualidade dos textos publicados, ainda é pequena. Como visto, o número de periódicos específicos de Arteterapia no Brasil é escasso, com visibilidade, indexação e, conseqüentemente, classificação a ser melhorada.

Por outro lado, percebe-se que o fluxo de textos encaminhados para este tipo de publicação fica aquém do esperado. Desta forma, têm-se publicações cujos números saem com um baixo número de artigos e por vezes com atraso, visto a espera dos editores pelo envio de textos a serem publicados.

Entende-se que esta realidade não advém de um trabalho ainda incipiente em Arteterapia no país. Percebe-se que existe um montante significativo de trabalhos desenvolvidos nesta área, principalmente ao se avaliar o número de trabalhos acadêmicos em Arteterapia listados por Allessandrini (2009) e de livros no campo da Arteterapia e áreas imediatamente ligadas a esta listados por Gonçalves (2009).

A existência de um extenso montante de produção em Arteterapia no Brasil pode ser confirmada por meio da consulta aos Anais de vários eventos em Arteterapia realizados nos últimos anos no Brasil, tais como o IX Congresso Brasileiro de Arteterapia (AATESP, 2010) e III Congresso Latinoamericano de Arteterapia (AMART, 2011). Estes documentos registram variadas descrições de pesquisas e intervenções em Arteterapia,

¹⁶ Para consultar lista completa de periódicos avaliados e a classificação obtidas por este, acessar o WebQualis por meio do link <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/>.

com diferentes práticas, articulação com inúmeros campos do saber e atendimento a públicos distintos.

Entretanto, avalia-se que esta produção não chega ainda aos periódicos de Arteterapia e nem, por vezes, em periódicos de áreas afins. Pensa-se que este fato possivelmente se deve a uma cultura de valorização de livros ao invés da busca de conhecimento acerca da Arteterapia por meio de artigos científicos por parte dos profissionais deste campo.

Estamos na era da informática, da internet e da agilidade na comunicação. O mundo gira em torno do computador e da rede virtual, com estes intermediando a comunicação estabelecida entre as pessoas. Neste sentido, torna-se importante a discussão acerca dos benefícios possíveis a partir dessa máquina.

No que concerne o campo das publicações científicas, considera-se que um artigo divulgado em revista eletrônica torna-se mais acessível aos interessados, pela facilidade de obtenção e divulgação deste, especialmente no caso de revistas de livre acesso. Não é necessária a espera pela chegada de um livro após a aquisição deste via internet. Também o interessado não se vê diante de dificuldades de acesso em situações em que a tiragem de uma publicação tenha se esgotado. No caso de anais de eventos, nem sempre os interessados conseguem obter o material para consulta, visto que a divulgação dá-se usualmente por meio de CDs disponibilizados apenas aos participantes do evento, sendo que nem todos se encontram disponíveis na internet. Com isto, acredita-se que deve haver maior estímulo ao envio de textos em Arteterapia para publicação em revistas desta área, especialmente em periódicos eletrônicos e/ou disponíveis online.

Outro fator que aponta para a pertinência da publicação de textos em Arteterapia por meio de artigos e demais contribuições em periódicos científicos relaciona-se com o valor atribuído pelos demais pesquisadores e profissionais de campos afins a este tipo de material bibliográfico. Desta forma, ao se delinear uma pesquisa, os interessados buscam

referências em artigos, havendo inclusive uma indicação para a utilização de um volume de fontes advindas de revistas científicas mais do que de livros. Compreende-se que estes textos apresentam maior consistência, especialmente por terem sido arbitrados, avaliados por pares, diferentemente de livros que podem ser livremente publicados por seus autores sem esse processo avaliativo. Com isso, acredita-se que uma fonte bibliográfica pode ter maiores chances de ser referida em áreas externas à Arteterapia se estiver presente em um periódico científico do que aquelas presentes apenas nos livros.

A Arteterapia no Brasil ainda se mostra como um campo de especialização e não há um programa específico de pós-graduação *stricto sensu* em Arteterapia nas instituições nacionais. Os interessados devem desenvolver projetos em Arteterapia interligados a outras áreas, em programas afins como Artes, Educação, Psicologia, Saúde. Este fato pode implicar ainda mais no distanciamento destes profissionais dos periódicos específicos da Arteterapia, visto terem que enviar suas contribuições para revistas mais conhecidas e qualificadas, relacionadas ao programa de pós-graduação ao qual se ligaram para a realização de suas pesquisas.

Apesar de todo este panorama, pensa-se que a publicação de artigos em Arteterapia é uma tarefa que deve ser estimulada. Uma maneira de fazê-lo é solicitar aos colegas ligados à formação deste profissional que mobilizem seus estudantes para o envio de suas contribuições, que sensibilizem para a importância desta prática no sentido de maior reconhecimento da Arteterapia. Outra forma é ampliar os espaços de divulgação do material produzido, dando visibilidade para os textos publicados, aspecto que estimula possíveis autores a contribuírem com a publicação. De uma forma ou de outra, espera-se que a Arteterapia possa amadurecer cada vez mais e adentrar com maior maturidade, organização e consistência no espaço acadêmico.

Referências

AATESP. **Anais do IX Congresso Brasileiro de Arteterapia - Arteterapia: Diversidade e Profissionalização**. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010.

ALLESSANDRINI, C. D. A pesquisa científica em arteterapia no Brasil: estado da arte. Em: **A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios**. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. p. 34-58.

ALLESSANDRINI, C. D., SEI, M. B. e PELA, M. R. B. O perfil do arteterapeuta brasileiro. Em: **Anais do IX Congresso Brasileiro de Arteterapia – Arteterapia no Século XXI: Diversidade e Profissionalização**. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. p. 285-296.

AMART. **Anais do III Congresso Latinoamericano de Arteterapia; IV Congresso do Mercosul de Arteterapia; I Congresso Lusobrasileiro de Arteterapia**. Belo Horizonte: AMART - Associação Mineira de Arteterapia, 2011.

GONÇALVES, T. F. Produção Acadêmica em Arteterapia no Brasil. Em: **Arteterapia - Relembrar é preciso... criar é continente**: Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2009. p. 47-53.

SEI, M. B. A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização. Em: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. **A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios**. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. p. 7-29.

Resumo de Monografia

DRISCHEL, Arthur Fernando¹⁷. **Mandalando Valores em Arteterapia**. Monografia (Especialização em Arteterapia). São José dos Campos: NAPE/FAVI, 2011. Orientadora: Profa. Ms. Elizabeth Carnio Beltrame.

Nesta monografia, o autor relacionou os fundamentos do Programa de Educação em Valores Humanos de Sri Satia Sai Baba com abordagem Junguiana sobre a simbologia das Mandalas, mais a aplicação dessa relação em Atendimento Arteterapêutico em clínica de recuperação de dependentes químicos. Este trabalho criou uma fundamentação teórica que oferece cinco temáticas para o Arteterapeuta mandar com seus clientes: Verdade, Ação Correta, Paz, Amor e Não Violência. A experiência descrita na monografia focou no resgate dos Valores Humanos do Self, colhidos em observações e relatos verbais dos clientes. Foram realizados 32 sessões de 2 horas cada, em que as 8 primeiras foram dedicadas à avaliações e vínculo terapêutico e as outras 24 foram divididas e trabalhadas com as temáticas do Programa de Valores Humanos e nas construções de mandalas. As sessões atenderam aos desejos coletivos dos clientes em busca de autoconhecimento e libertação da dependência dos padrões negativos que os levaram a usar drogas. A comprovação desta pesquisa e prática deu-se à medida que os clientes adictos em recuperação apresentaram resultados verbais e de condutas, na troca dos Valores Humanos Negativos por Valores Humanos Positivos construídos simbolicamente nas mandalas.

Palavras-chave: Arteterapia, Adicção, Valores Humanos.

¹⁷ Arte Educador, Músico e Arteterapeuta com extensões universitárias pela UFPR em: Piano Popular, Teclado, Técnica Vocal, Regência Coral, Flauta Doce, Teoria Musical, Harmonia Funcional, Improvisação e Composição. Pela UNICAMP, extensões universitárias em: Ópera e Psicanálise, Movimentos Expressivos e Terapêuticos, Folclore, Neurolinguística, Fonética e Fonologia, Midiologia, Atualização em Arte Educação e História do Canto. Formação no Programa de Valores Humanos - EDUCARE (HUMANITATIS). Pesquisa, atende e leciona como Arte Educador e Arteterapeuta com fundamentos terapêuticos das mandalas e música. Algumas atividades: Afinação Psíquico Corporal, Organização e (re) Estruturação do Eu Interior e Auto Apropriação de Potenciais e Talentos, entre outras. E-mail: arthurmusical@gmail.com

Data de recebimento: 24 de Março de 2012.
Data de aceite: 24 de Março de 2012.

Resumo de Monografia

SOUZA, Sueli Maria de¹⁸. **A Arteterapia no desenvolvimento da autoestima de crianças em vulnerabilidade no município de Hortolândia.** Monografia (Especialização em Arteterapia). Campinas: Centro de Formação e Assistência à Saúde, 2012. Orientadoras: Profa. Dra. Máira Bonafé Sei e Profa. Esp. Artt. Karina Cyrineu Vale.

Esta monografia tem como objetivo principal descrever as oficinas de Arteterapia realizadas com crianças do sexo feminino em situação de risco social no município de Hortolândia. Foram realizados doze encontros, no período de agosto a dezembro de 2010. As oficinas realizadas primaram pela utilização de materiais artísticos diversos, além de ferramentas advindas do teatro improvisado, da dança e da música. As atividades ocorreram em salas dispostas com mesas, com capacidade para quatro cadeiras, além de um armário contendo uma diversidade de materiais artísticos para que as propostas fossem realizadas com êxito. Ao final de cada oficina, as atividades eram anotadas em um relatório, com a finalidade de supervisão da prática arteterapêutica desenvolvida e planejamento das propostas para os encontros seguintes. Foram observados os seguintes resultados, após o período de quatro meses de atividades: mudanças no comportamento desse grupo, com o despertar da curiosidade a partir das práticas empreendidas e da capacidade de criação de cada participante. Enquanto resultado institucional, percebeu-se a valorização do trabalho efetuado por meio do convite feito para que a arteterapeuta participasse, no ano seguinte, das atividades regulares dessa instituição.

Palavras-chave: Arteterapia, Vulnerabilidade Social, Crianças.

¹⁸ E-mail: souzasueli@yahoo.com.br

Data de recebimento: 11 de Junho de 2012.

Data de aceite: 11 de Junho de 2012.

Resumo de Monografia

SANTOS, Marcieli Cristine do Amaral¹⁹. **A música clássica induz as crianças com paralisia cerebral expressarem seus sentimentos através da atividade plástica.** Monografia (Especialização em Arteterapia). São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2006. Orientadora: Profa. Esp. Artt. Ana Alice Francisquetti.

A utilização das músicas clássicas em conjunto com a atividade plástica na arte-reabilitação foram as expressões artísticas escolhidas para desenvolver o trabalho. A pesquisa foi realizada com sete crianças portadoras de Paralisia Cerebral no setor de Arte-Reabilitação da AACD onde tivemos a audição de 6 músicas clássicas diferentes, escolhidas e moduladas por parâmetros de andamento e modo. Com o resultado concluímos que as músicas utilizadas foram instrumentos desencadeadores das representações emocionais: alegria, medo, calma, amor, raiva e tristeza e que foram expressas através da utilização do desenho.

Palavras-chave: Música, Paralisia Cerebral, Sentimentos, Arte

Abstract

The use of classical music along with artistic activity in rehabilitation were the artistic expressions chosen to develop the project. Research was made with 7 children with cerebral paralysis in the Art Rehabilitation center of AACD where we held a hearing of 6 different pieces of classical music, chosen and modulated through tempo and method

¹⁹ Bacharel em Comunicação Social – FAAP, Especialização em Arteterapia - Instituto Sedes Sapientiae, Pós-Graduada em Marketing – ESPM, Membro da Diretoria da AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, Estagiou no Setor de Arte-Reabilitação da AACD, Arteterapeuta da ABADS (antiga Pestalozzi-SP), Realiza Oficinas de Arteterapia “MusiCriArte” para educadores, pais e crianças, Pianista e compositora, Contato: (011) 3805-6942/9702-7036, E-mail: marcieli-santos@uol.com.br

parameters. With the result we have concluded that the songs utilized were instruments to help unchain emotional representations such as: happiness, fear, calmness, love, anger and sadness and which were expressed through the utilization of drawing.

Keywords: Music, Cerebral Paralysis, Feelings, Art

Data de recebimento: 24 de Junho de 2012.

Data de aceite: 24 de Junho de 2012.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos encomendados ou remetidos espontaneamente pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigos originais que inclui artigos de pesquisa, artigos de revisão teórica e relatos de experiência; ensaios, de cunho ensaístico, opinativo, acerca de assuntos de discussão contemporânea ou que se almeje discutir; resenhas e resumos de monografias, dissertações e teses. Os textos encaminhados para a seção de artigos originais serão avaliados às cegas por membros do Conselho Consultivo, enquanto que os demais textos serão avaliados pelos membros do Conselho Editorial.
2. Os artigos e ensaios devem conter no máximo 20 páginas, incluindo as referências bibliográficas; as resenhas, 4 páginas; e os resumos de monografias, dissertações e teses, 1 página.
3. Os artigos situados dentro da categoria “Relato de Experiência” só poderão ser submetidos por profissionais arteterapeutas ou estudantes de Arteterapia credenciados às Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – www.ubaat.org.
4. O autor deve enviar o trabalho para o e-mail textos.aatesp@gmail.com, em extensão “.doc”, com fonte Arial, tamanho 12, formato A4, com margens de 2 cm e espaçamento duplo. As referências devem ser inseridas ao final do texto e as notas de rodapé devem se restringir àquelas efetivamente necessárias.
5. Os artigos devem ser acompanhados de resumos, com até 200 palavras, além de um mínimo de 3 Palavras-chave. O título, o resumo e as Palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
6. No envio do trabalho, o autor deve encaminhar arquivo com carta assinada em formato “.jpg” ou “.pdf”, explicitando a intenção de submeter o material para publicação na Revista Arteterapia da AATESP, com cessão dos direitos autorais à Revista.
7. O nome do autor ou quaisquer outros dados identificatórios devem aparecer apenas na página de rosto. O título deve ser repetido isoladamente na primeira página iniciando o texto, seguido do resumo e Palavras-chave, conforme instruções do item 6.
8. O autor deve anexar, na página de rosto, seus créditos acadêmicos e profissionais, além do endereço completo, telefone e e-mail para contato.
9. Não deve haver ao longo do texto ou no arquivo do artigo qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como papel timbrado, rodapé com o nome do autor, dados no menu “Propriedades” do Word.
10. O conteúdo do trabalho é de inteira responsabilidade do autor.

PROCEDIMENTOS DE TRAMITAÇÃO DOS MANUSCRITOS

A partir do recebimento do trabalho, é feita uma verificação inicial do mesmo pela Comissão Editorial, relativa ao cumprimento das Normas de Publicação estabelecidas pela Revista. O não cumprimento das mesmas implica na interrupção do processo de avaliação do manuscrito.

Após essa primeira etapa, o trabalho é enviado a dois pareceristas, sendo que neste processo de avaliação nem autor e nem os pareceristas são identificados. A Comissão Editorial fica responsável por todo o processo de comunicação com o autor e com os pareceristas. Em caso de impasse quanto aos pareceres recebidos, a Comissão Editorial se encarregará de chegar a uma decisão final.

Quanto ao parecer, o trabalho encaminhado pode ser:

- Aprovado;
- Aprovado com necessidade de reformulações;
- Reprovado.

Cabe ao autor decidir se aceitará ou não as orientações para reformulações do trabalho encaminhado, no caso das mesmas serem sugeridas, lembrando que a não reformulação implica no não aceite final para publicação na Revista.

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE PARECER

Será utilizado para o parecerista o seguinte roteiro de apreciação e avaliação dos trabalhos:

1. O trabalho encaminhado se enquadra na linha editorial da revista?
2. O trabalho corresponde a uma contribuição significativa para publicação na Revista, tendo em vista a linha editorial da mesma?
3. O trabalho encaminhado especifica claramente tema e objetivo?
4. No caso de artigo, o resumo e as Palavras-chave são objetivos e fidedignos à proposta apresentada?
5. O trabalho cita bibliografia significativa e atualizada para o desenvolvimento do tema?
6. O trabalho faz referências bibliográficas conforme normas da Revista?
7. O trabalho realiza coerentemente seu objetivo?
8. Há erros de compreensão dos autores citados?
9. Há erros nas citações utilizadas?
10. O objetivo declarado é atingido?
11. O material deve ser revisado em termos estilísticos, ortográficos e gramaticais?
12. O texto é aceitável para publicação? Em caso positivo, especificar se: em sua forma atual; com necessidade de reformulações;

REFERÊNCIAS e CITAÇÕES

Os trabalhos devem seguir orientações estabelecidas pela norma NBR-6023 da ABNT, quanto a:

a) Referências bibliográficas. Exemplos:

Livros

RHYNE, J. **Arte e Gestalt**: padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000. 279p.

Capítulos de livros

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. Em: CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004. p. 219-223.

Dissertações e teses

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Artigos de periódicos

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

Trabalho de congresso ou similar (publicado)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR Mini Conference, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.

b) Citações de autores no decorrer do texto (NBR 10520/2002)

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas.

A forma de citação adotada pela Revista será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte é feita: pelo sobrenome de cada autor ou nome de cada entidade responsável, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso **de citação direta**, separados por vírgula e entre parênteses. Exemplos: “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

Ou,

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

Citações diretas com menos de três linhas devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Exemplo:

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser restritas ao mínimo necessário e não exceder 10 linhas. Quando utilizadas devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra 10 e sem aspas.

Exemplo: Goswami (2000) explica que:

nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

Citações indiretas devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original do texto e geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceito do autor. São livres de aspas e não precisam de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

Ou,

Os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

Não se indica a inserção de notas de rodapé, que devem se restringir ao mínimo necessário. São digitadas dentro das margens ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda.